



UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA



**Análise dos antecedentes das Intenções Empreendedoras nos  
estudantes de Reabilitação Psicomotora. Estudo com alunos dos  
primeiro e segundo ciclos do ensino superior.**

Dissertação elaborada com vista à obtenção do Grau de Mestre em  
Reabilitação Psicomotora

Orientador: Professora Doutora Ana Maria Peixoto Naia

Coorientador: Professor Doutor Rui Daniel Gaspar Neto Biscaia

Júri:

Presidente

Professor Doutor Rui Fernando Roque Martins

Vogais

Professor Doutor Paulo Jorge Martins

Professora Doutora Ana Maria Peixoto Naia

Professor Doutor Rui Daniel Gaspar Neto Biscaia

Leila Sofia Pereira Cerca

2016



*“Working hard is important. But there is something  
that matters even more: Believing in yourself.”*

*— J.K. Rowling*

## **Agradecimentos**

À Professora Doutora Ana Naia, por toda a paciência e preocupação manifestada ao longo deste processo. Desde o meu primeiro ano que a vejo como exemplo de uma professora excepcional, o que foi sendo cada vez mais confirmado ao longo dos anos, colmatando com a orientação desta dissertação.

Ao Professor Doutor Rui Biscaia, por todo o apoio fornecido ao nível da análise estatística. Um muito obrigada.

A todos os meus colegas, alunos de Reabilitação Psicomotora, que cederam um pouco da sua disponibilidade para preencher o questionário que serviu de base a todo o estudo. Sem a sua colaboração, nada disto seria possível.

Às minhas “criaturas”, oficiais e não-oficiais, por todas as vezes em que os papéis se inverteram e foram elas a incentivar-me a trabalhar e a dar-me motivação. Foram e serão sempre essenciais.

À MINHA pequenina, pelo apoio que nem ela sabia que me dava. Ontem, hoje e sempre. A uma pessoa que só há pouco conheci, mas que me fez perceber que, em meros meses, é possível alguém ter uma enorme influência positiva na vida de outra pessoa. *House of the Trustworthy, Loyal and Kind.*

À Carolina, pelos colapsos nervosos durante o processo de escrita e entrega da dissertação e por todo o apoio que me tem dado ao longo destes últimos anos. Muito do que sou hoje, deve-se a ti. Obrigada, Madrinha.

Às Originais, pelo que fomos, pelo que somos e pelo que seremos. A vossa amizade vale muito.

À minha *bestie*, irmã de coração, por tudo e às vezes por nada, por estar lá sempre e por nos apoiarmos mutuamente, tanto nas dissertações, como na vida.

Aos meus pais, pelo apoio e sacrifícios que têm feito para que eu consiga alcançar tudo o que sempre quis. Ao meu irmão, por ser aquela “criatura predileta” e ao meu outro irmão que, embora não de sangue, está lá sempre, para todas as ocasiões.

A todos, um enorme obrigada.

<b>LISTA DE TABELAS</b>	<b>VI</b>
<b>LISTA DE FIGURAS</b>	<b>VII</b>
<b>LISTA DE ANEXOS</b>	<b>VIII</b>
<b>RESUMO</b>	<b>IX</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>X</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
APRESENTAÇÃO E DEFINIÇÃO DO PROBLEMA .....	12
ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO.....	13
<b>CAPÍTULO I</b>	<b>15</b>
<b>REVISÃO DA LITERATURA</b>	<b>16</b>
1. EMPREENDEDORISMO .....	16
2. INTENÇÕES EMPREENDEDORAS .....	17
2.1. MODELOS DE ANÁLISE DE INTENÇÕES EMPREENDEDORAS .....	18
3. INTENÇÕES EMPREENDEDORAS E CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS .....	20
3.1. GÊNERO .....	22
3.2. CONHECIMENTO DE EMPREENDEDORES .....	23
3.3. PRÁTICA DESPORTIVA .....	24
3.4. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL .....	24
3.5. PERTENÇA A ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES .....	25
3.6. CICLOS DE ENSINO .....	25
4. PSICOMOTRICIDADE E ENSINO EM REABILITAÇÃO PSICOMOTORA .....	25
4.1. FORMAÇÃO NO ÂMBITO DA PSICOMOTRICIDADE .....	26
<b>CAPÍTULO II</b>	<b>29</b>
<b>METODOLOGIA</b>	<b>30</b>
1. MODELO DE ANÁLISE .....	30
2. OBJETIVOS .....	30
3. AMOSTRA E PROCEDIMENTO DE RECOLHA DE DADOS .....	31
4. INSTRUMENTO.....	34
5. ADAPTAÇÃO DO INSTRUMENTO .....	34
6. ANÁLISE DE DADOS .....	35
<b>CAPÍTULO III</b>	<b>37</b>
<b>APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>38</b>
1. ANÁLISE DOS FATORES TEÓRICOS .....	38
1.1. ANÁLISE DESCRITIVA DOS ITENS .....	38
1.2. CONSISTÊNCIA INTERNA DOS FATORES TEÓRICOS .....	39

1.3. ESTUDO PREDITIVO.....	40
<b>2. ESTUDO COMPARATIVO .....</b>	<b>41</b>
2.1. GÉNERO .....	41
2.2. CONHECIMENTO DE EMPREENDEDORES .....	41
2.3. PRÁTICA DESPORTIVA .....	42
2.4. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL .....	42
2.5. PARTICIPAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES .....	43
2.6. CICLOS DE ENSINO .....	43
<b><u>CAPÍTULO IV</u></b>	<b><u>45</u></b>
<b><u>DISCUSSÃO DE RESULTADOS</u></b>	<b><u>46</u></b>
1. ANTECEDENTES E FATORES TEÓRICOS DAS INTENÇÕES .....	46
2. IMPORTÂNCIA DE FATORES SOCIODEMOGRÁFICOS .....	47
2.1. GÉNERO .....	47
2.2. CONHECIMENTO DE EMPREENDEDORES .....	47
2.3. PRÁTICA DESPORTIVA .....	48
2.4. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL .....	49
2.5. PERTENÇA A UMA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES.....	49
2.6. CICLOS DE ENSINO .....	50
<b><u>CAPÍTULO V</u></b>	<b><u>53</u></b>
<b><u>CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS</u></b>	<b><u>54</u></b>
1. CONCLUSÕES .....	54
2. LIMITAÇÕES DO PRESENTE ESTUDO.....	55
3. RECOMENDAÇÕES E SUGESTÕES DE PESQUISA FUTURA.....	56
<b><u>BIBLIOGRAFIA</u></b>	<b><u>59</u></b>
<b><u>ANEXOS</u></b>	<b><u>69</u></b>

## Lista de tabelas

<b>Tabela 1.</b> Características associadas com as Intenções Empreendedoras.	<b>21</b>
<b>Tabela 2.</b> Dados sociodemográficos dos participantes	<b>32</b>
<b>Tabela 3.</b> Média, desvio padrão (dp), assimetria e curtose dos itens usados no questionário.	<b>38</b>
<b>Tabela 4.</b> Consistência interna dos fatores teóricos.	<b>40</b>
<b>Tabela 5.</b> Resultados da regressão linear.	<b>40</b>
<b>Tabela 6.</b> Médias dos antecedentes das IE no género.	<b>41</b>
<b>Tabela 7.</b> Médias dos antecedentes das IE no conhecimento de empreendedores.	<b>42</b>
<b>Tabela 8.</b> Médias dos antecedentes das IE na prática desportiva.	<b>42</b>
<b>Tabela 9.</b> Médias dos antecedentes das IE na experiência profissional.	<b>43</b>
<b>Tabela 10.</b> Médias dos antecedentes das IE na pertença a uma AE.	<b>43</b>
<b>Tabela 11.</b> Médias dos antecedentes das IE no ciclo de ensino.	<b>44</b>

## Lista de figuras

<b>Figura 1.</b> Modelo da TCP proposto por Aizen (1991) com inclusão do fator competências específicas.	<b>30</b>
--	-----------

## **Lista de Anexos**

- Anexo A:** Questionário – Entrepreneurial Intentions Questionnaire (adaptado)
- Anexo B:** Consentimento Informado
- Anexo C:** Base de dados
- Anexo D:** Análise da Consistência Interna dos Fatores
- Anexo E:** Frequências – Características Sociodemográficas dos Participantes
- Anexo F:** Análises de Regressão
- Anexo G:** Testes T – Médias e comparações intravariáveis – género, conhecimento de Empreendedores, prática desportiva, experiência profissional, participação em Associação de Estudantes e ciclos de ensino



## Resumo

Este estudo pretende (1) analisar os antecedentes das Intenções Empreendedoras (IE) dos estudantes de Reabilitação Psicomotora da Faculdade de Motricidade Humana de ambos os ciclos de ensino e (2) as Intenções Empreendedoras dos estudantes em função das suas características sociodemográficas. A amostra compreendeu um total de 130 alunos, aos quais foi aplicado uma versão adaptada do Questionário das Intenções Empreendedoras (EIQ: Liñán & Chen, 2009) que se baseia na Teoria do Comportamento Planeado (TCP: Ajzen, 1991) e inclui os seguintes fatores: Intenções Empreendedoras (IE), Atitude Percebida (AP), Controlo Comportamental Percebido (CCP) e Normas Subjetivas (NS). Foram realizados testes de regressão linear para identificar quais os fatores da TCP que influenciam as IE. Posteriormente, foram conduzidos testes *t-student* para comparar os valores médios dos quatro fatores da TCP em função do género, conhecimento de Empreendedores, prática desportiva, experiência profissional, participação na Associação de Estudantes e ciclo de ensino. Os resultados permitiram constatar que os antecedentes mais significativos das IE são a AP e o CCP e que existem maiores IE nos alunos que têm experiência profissional, que praticam/praticaram desporto e nos que conhecem um empreendedor. Estes resultados sugerem que, influenciando alguns destes aspetos, é possível aumentar as Intenções Empreendedoras dos estudantes.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo, Intenções Empreendedoras, Ensino Superior, Reabilitação Psicomotora, Teoria do Comportamento Planeado

## **Abstract**

This study aims (1) to analyze the antecedents of Entrepreneurial Intentions (EI) of Psychomotor Rehabilitation students of the Faculty of Human Kinetics of both cycles of teaching and (2) to analyze Entrepreneurial Intentions of students according to their sociodemographic characteristics. The sample included a total of 130 students, to whom was applied an adapted version of the Questionnaire of Entrepreneurial Intentions (EIQ: Liñán & Chen, 2009) which is based on the Theory of Planned Behavior (TPB: Ajzen, 1991) and includes the following dimensions: Entrepreneurial Intentions (EI), Perceived Attitude (PA), Perceived Behavioral Control (PBC) and Subjective Norms (SN). Linear regression tests were conducted to identify which dimensions of the TPB influence EI. Later, t-student tests were conducted to compare the mean values of the four dimensions of TPB according to gender, entrepreneurial knowledge, sports practice, professional experience, participation in student associations and cycle of teaching. The results showed that the most significant antecedents of EI are PA and PBC and that there are major EI in the students who already have professional experience, practice/practiced a sport and that know an entrepreneur. These results suggest that by influencing some of these aspects it is possible to increase students' EI.

**Key-words:** Entrepreneurship, Entrepreneurial Intentions, Higher Education, Psychomotor Rehabilitation, Theory of Planned Behavior

## **INTRODUÇÃO**

## Introdução

### **Apresentação e definição do Problema**

O Empreendedorismo aparece na sociedade atual como um constructo de grande importância, encontrando-se associado a diferentes competências como a inovação e a criatividade, permitindo também a estimulação do desenvolvimento económico (Drucker, 2006).

Uma vez que se tem tornado cada vez mais um conceito predominante e de importância na sociedade, a pesquisa a nível do Empreendedorismo tem sido crescente nos últimos anos, com grande ênfase no desenvolvimento social e económico permitido pelo próprio Empreendedorismo (Reynolds, Hay, Bygrave, Camp & Autio, 2000; Comissão das Comunidades Europeias, 2006). Diversos autores apontam que, na atual conjuntura económica, a criação de negócios inovadores é uma boa alternativa para que os alunos consigam encontrar empregos que se insiram nas competências adquiridas nos seus ciclos e áreas de estudo (Santarelli, Carree & Verheul, 2009; Remeikienė & Startienė, 2009). Deste modo, é de grande importância que os alunos tenham uma forte intenção empreendedora para que as suas ideias de negócio sejam colocadas em prática com sucesso (Krueger & Carsrud, 1993; Krueger & Brazeal, 1994; Reitan, 1996).

Assim, a intenção empreendedora apresenta-se como crucial no estudo da temática do Empreendedorismo, visto que através desta é possível prever se um indivíduo poderá ou não criar um determinado negócio, uma vez que esta intenção se assume como a base de um planeamento para determinado comportamento, o que neste caso seria a implementação de uma ideia de negócio (Ajzen, 1987; Ajzen, 1991).

Desta forma, as temáticas acima mencionadas têm sido estudadas em diferentes contextos, com populações diferentes, sendo que ao nível de estudantes do ensino superior existem diversos estudos conduzidos em universidades de diferentes países como os Estados Unidos da América (Basu & Virick, 2008), Indonésia (Soetanto, Pribadi & Widyadana, 2010; Rokhman & Ahamed, 2015), Finlândia (Varamäki et al., 2011), Paquistão (Hyder, Azhar, Javaid & Rehman, 2011), Bélgica (Maes, Leroy & Sels, 2014) e Espanha (Liñán, 2008; Robledo, Arán, Martin-Sanchez & Molina, 2015). Contudo, verifica-se uma carência de estudos que analisem a maneira como diversos fatores a nível sociodemográfico e contextual, como por exemplo o ciclo de ensino, a formação profissional, o género, o associativismo académico, em estudantes de ensino superior em Portugal influenciam as Intenções Empreendedoras (Pinho & Gaspar, 2012).

Após uma pesquisa realizada em diferentes plataformas *online* (e.g. Google Académico, EBSCO, b-ON) constata-se que em Portugal, a pesquisa sobre os fatores que influenciam

as Intenções Empreendedoras (IE) em estudantes universitários é reduzida, tendo sido encontrados apenas dois estudos: 1) na Universidade da Beira Interior (UBI) (Afonso, 2014); 2) na Faculdade de Motricidade Humana (Naia, 2014). No entanto, foram realizados estudos onde se aborda a promoção de competências empreendedoras em amostras de cursos específicos, neste caso, de Reabilitação Psicomotora (Marques, 2014). Por outro lado, no que se refere a estudos sobre as Intenções Empreendedoras dos estudantes de Reabilitação Psicomotora não se encontrou nada.

Com o presente estudo, pretende-se colmatar lacunas que foram identificadas na revisão de literatura. Deste modo, procura-se analisar os antecedentes das Intenções Empreendedoras dos estudantes de Reabilitação Psicomotora, bem como comparar os níveis de Intenções Empreendedoras e os seus antecedentes em função das características sociodemográficas dos estudantes.

### **Organização do Estudo**

No que diz respeito à estrutura do presente documento, este organiza-se em quatro capítulos essenciais, onde são apresentados e descritos em detalhe todos os processos desenvolvidos para a concretização do estudo.

Deste modo, posteriormente a uma contextualização do estudo, que integra uma breve descrição da problemática que serve de base ao presente estudo, encontra-se um capítulo destinado ao enquadramento teórico em torno da problemática. Além de uma abordagem sucinta referente ao Empreendedorismo e respetivas definições, apresenta-se também o modelo que permite que se analisem as Intenções Empreendedoras dos indivíduos, sendo também abordados os fatores que as influenciam.

O capítulo seguinte diz respeito à metodologia utilizada no decorrer do estudo, onde se apresentam os objetivos do estudo, a descrição da amostra e o instrumento de recolha de dados. Ainda no mesmo capítulo, são abordados os procedimentos de recolha da informação e o processo de tratamento dos dados obtidos.

Os resultados são apresentados num terceiro capítulo, estando estes estruturados e organizados de forma a estarem de acordo com os objetivos apresentados no capítulo anterior.

No quarto capítulo, realiza-se a discussão dos resultados obtidos e apresentados no capítulo anterior, confrontando os mesmos com a literatura da área.

No capítulo final do presente documento, relatam-se as conclusões, fazendo-se ainda referência às limitações do estudo e dando-se sugestões para futuras pesquisas no âmbito da problemática tratada.



# **CAPÍTULO I**

## **REVISÃO DA LITERATURA**

## Revisão da Literatura

### 1. Empreendedorismo

Numa altura em que se verifica uma dificuldade de crescimento das economias mundiais, tornou-se evidente que o Empreendedorismo se apresenta como sendo bastante importante para o desenvolvimento social através, por exemplo, da criação de oportunidades de emprego (Reynolds, et al., 2000; Comissão das Comunidades Europeias, 2006). Deste modo, mesmo sendo um tema de interesse desde os anos 80, o termo Empreendedorismo ainda não reúne consenso relativamente a uma única definição, sendo utilizado com diversos significados e em diversas áreas. Contudo, segundo Sarkar (2007), de todos os seus significados, prevalece o aspeto de que o Empreendedorismo está relacionado com a criação de empresas e inovação.

De acordo com Drucker (1985; 2003), um empreendedor utiliza a inovação sistemática para que consiga identificar oportunidades e explorá-las de modo a criar um projeto ou serviço diferente de algo que já exista no mercado. O mesmo autor refere que o Empreendedorismo se define como um comportamento, não sendo um traço de personalidade, sendo que o espírito empreendedor é uma característica distinta em algumas pessoas (Drucker, 2003). Shane e Venkataraman (2000), reconhecem o Empreendedorismo como o processo de descoberta, avaliação e posterior exploração de uma determinada oportunidade, aliado ao conjunto de indivíduos que efetua esse processo.

Segundo a perspetiva de Trigo (2003), verifica-se que o Empreendedorismo apresenta duas componentes distintas: uma ao nível da atitude, que permite detetar novas oportunidades e outra ao nível do comportamento, que se baseia em ações necessárias à transformação dessa oportunidade numa atividade. Já de acordo com a Sociedade Portuguesa de Inovação (2004), o Empreendedorismo diz respeito à criação de novos negócios e identificação e desenvolvimento de oportunidades em organizações existentes. Assim, a definição de Empreendedorismo verifica-se como sendo “qualquer tentativa de criação de um novo negócio ou nova iniciativa, tal como o emprego próprio, uma nova organização empresarial ou a expansão de um negócio existente, por parte de um indivíduo, de uma equipa de indivíduos ou de negócios estabelecidos” (Sociedade Portuguesa de Inovação [SPI] & Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa [ISCTE], 2012, p.4).

Para Dornelas (2008), o Empreendedorismo assenta num envolvimento de pessoas e processos que culmina na transformação de ideias em oportunidades e, conseqüentemente, a transformação destas oportunidades na criação de negócios. No



mesmo ano, Baron e Shane (2008), referiram-se ao Empreendedorismo como sendo constituído por seis fases: o reconhecimento de oportunidades, a decisão de avançar e adquirir os recursos necessários, a progressão do empreendimento, a gestão e desenvolvimento do empreendimento; tornando-o num negócio rentável; a aquisição das recompensas do investimento realizado; e, eventualmente, a ponderação de uma saída estratégica, transferindo o empreendimento para outras pessoas.

Mais recentemente Caetano, Santos e Costa (2012) definiram Empreendedorismo como sendo um processo cíclico, cujo início se baseia na formulação de uma ideia que, posteriormente, pode vir a transformar-se numa oportunidade de negócio, assumindo-se como algo de grande valor para a atividade económica. O Empreendedorismo é ainda visto como uma alternativa a diversas opções de emprego, sendo que Caetano e colaboradores (2012), referem que este facto relativo ao Empreendedorismo permite ultrapassar problemas de competitividade e produtividade que aparecera devido à crise económica e financeira atual. Assim, o Empreendedorismo apresenta-se como uma ferramenta que permite ultrapassar esta crise a nível financeiro, económico e social que existe atualmente (Caetano et al., 2012).

## **2. Intenções Empreendedoras**

Adjacente ao conceito de Empreendedorismo, surgem as intenções de um indivíduo para desempenhar tarefas empreendedoras. As intenções apresentam-se como tendo a capacidade de prever o comportamento humano (Ajzen, 1991; Sutton, 1998; Krueger, 2008), principalmente quando o comportamento não é frequente ou se este é difícil de observar (Krueger & Brazeal, 1994). A meta-análise de Kim e Hunter (1993) demonstra empiricamente este facto, acrescentando que as atitudes predizem intenções e que estas são as que melhor predizem o comportamento planeado de um indivíduo. Tubbs e Ekeberg (1991), definem as intenções como uma representação cognitiva do objetivo e do plano que o indivíduo pretende seguir para alcançar esse mesmo objetivo. Assim, essa capacidade revela-se importante para empresários e empreendedores (Tubbs & Ekeberg, 1991), sendo que neste campo já várias pesquisas foram realizadas (Bird, 1988; Krueger, Reilly & Carsrud, 2000).

Apesar de não se verificar uma definição clara e consistente de Intenções Empreendedoras (IE) (Thompson, 2009), são diversos os autores que apresentam as suas perspetivas acerca das mesmas. De acordo com Bird (1988), as Intenções Empreendedoras correspondem a estados de espírito que dirigem a atenção, experiência e ação para um conceito de negócio ou de autoemprego. As Intenções Empreendedoras

são também vistas como sendo uma representação de base cognitiva de ações a serem implementadas pelos indivíduos, tanto no estabelecimento de novos empreendimentos ou na inovação no seio de empresas existentes (Fini, Grimaldi, Marzocchi & Sobrero, 2009).

Ainda, de acordo com alguns autores, as IE referem-se à predisposição de uma pessoa para criar uma atividade empreendedora (Krueger, 1993; Krueger & Brazeal, 1994; Izedomni & Okafor, 2010).

As Intenções Empreendedoras, e a pesquisa no seu âmbito, surgem como um importante elemento na literatura relativa ao Empreendedorismo (Drennan, Kennedy & Renfrow, 2005), tendo estas sido estudadas por diversas áreas devido à sua importância e contribuição para o desenvolvimento da economia através da criação de empregos e riqueza (Fox, Llopis, Toney, Pruett & Shinnar, 2009; Samuel, Ernest & Awuah, 2013). De entre as diversas áreas destacam-se a Economia, a Sociologia, a Psicologia e, ainda, a Antropologia (Samuel, Ernest & Awuah, 2013).

Existe muita pesquisa realizada no âmbito das Intenções Empreendedoras que se relaciona com a aplicação de modelos de intenções como a Teoria do Comportamento Planeado (TCP), de Ajzen (1991) e com o apuramento de fatores que influenciam as mesmas, como a educação, a personalidade, o género, entre outros (Samuel, Ernest & Awuah, 2013). Assim, definir-se-á as mesmas como dizendo respeito à intenção que um indivíduo demonstra em criar um novo negócio, podendo estas ser avaliadas através de um dos modelos de análise de Intenções Empreendedoras apresentados em seguida.

### **2.1. Modelos de análise de Intenções Empreendedoras**

Tendo em conta que a decisão de um indivíduo optar por uma carreira empreendedora pode ser considerada voluntária e consciente (Krueger et al., 2000), é pertinente analisar como é que esta decisão é tomada (Liñán, Rodríguez-Cohard & Rueda-Cantuche, 2005). Existem diversas teorias que analisam as intenções empreendedoras, tais como (a) o Modelo de Intenção Empreendedora de Shapero e Sokol (1982), que pretende explicar as IE, tendo em conta que estas derivam da perceção de viabilidade e da perceção de desejo de um indivíduo; (b) a teoria da autoeficácia de Bandura (1986), que propõe que uma autoeficácia elevada direciona o comportamento e condiciona a ação; e (c) a Teoria do Comportamento Planeado de Ajzen (1991), que preconiza uma visão muito mais estruturada da análise das intenções, incluindo um fator de análise especificamente influências sociais.. Na literatura é feita, também, referência à compatibilidade mútua entre as teorias de Shapero e Sokol (1982) e de Ajzen (1991), ou seja, ambos os modelos têm fatores que se podem relacionar (Krueger et al., 2000).

Embora existam diversos modelos explicativos das intenções, verificou-se que, no âmbito do Empreendedorismo, a teoria mais utilizada e que é tida como a mais consistente, permitindo uma análise mais detalhada das Intenções Empreendedoras, com melhores qualidades psicométricas e apresentando uma estrutura teórica adequada e forte para interpretação dos antecedentes é a Teoria do Comportamento Planeado de Ajzen (1991) (Li, 2006), pelo que é nesta teoria que assenta este estudo.

Na Teoria do Comportamento Planeado (Ajzen, 1987; 1991), baseada na ideia de que os seres humanos são racionais nas suas escolhas e que as intenções dos indivíduos podem ou não levar a um certo comportamento, verifica-se que qualquer comportamento requer um planeamento, a intenção para um determinado comportamento está dependente da Atitude Percebida, da Norma Subjetiva e do Controlo Comportamental Percebido. Deste modo, verifica-se que: (a) a *Atitude Percebida* é o reflexo da avaliação de um indivíduo relativamente a um comportamento, que tanto pode ser favorável como desfavorável (Ajzen, 1991). Ajzen (1987; 1991) indica que quanto mais favorável for a avaliação, maior será a intenção; (b) a *Norma Subjetiva* indica a percepção de um indivíduo acerca do que os grupos sociais pensam acerca do comportamento e se este deve ou não ser realizado (Ajzen, 1991), (c) o grau de *Controlo Comportamental Percebido* faz referência à facilidade ou dificuldade que um indivíduo percebe ter em realizar um determinado comportamento (Ajzen, 1991).

Esta teoria almeja explicar como é que as intenções preveem um comportamento, sendo comumente utilizada para explicar e prever o porquê de as pessoas se comportarem de determinada maneira (Ajzen, 1991). Assim, a teoria refere que para que a intenção de um indivíduo para se comportar de determinada maneira seja aumentada, a Atitude Percebida e a Norma Subjetiva têm de se apresentar como mais favoráveis e o Controlo Comportamental Percebido tem de ser maior (Kolvereid, 1997). Ainda, estudos mencionam que estes fatores são influenciados por variáveis contextuais e individuais, podendo-se deduzir que podem ser preditores de intenções, ainda que de forma indireta (Ajzen, 1991; Fini, Grimaldi, Marzocchi & Sobrero, 2009).

A nível prático, este modelo, em conjunto com outros, tem sido utilizado desde os anos 90, sendo que estudos como o de Kruger e Brazeal (1994) encontraram semelhanças entre a TCP e o modelo de Shapero e Sokol (1982). Reitan (1996), utilizou ambos os modelos para realizar um estudo que verificou a influência de diversos fatores em intenções de curto e longo prazo. Kolvereid (1997), utilizou a TCP que permitiu verificar que o Controlo Comportamental Percebido, a Norma Subjetiva e a Atitude Percebida em contraste com a

experiência, o género e os antecedentes familiares influenciam mais as intenções relativas ao emprego por conta própria.

Comparando a TCP com o modelo de Shapero e Sokol (1982), consegue-se perceber que as variáveis apresentadas por estes últimos autores, uma que se refere ao grau de atração que um indivíduo sente por um determinado comportamento (*perceived desirability*) e outra que assenta na perceção que as pessoas têm sobre a sua capacidade de executar um comportamento (*perceived feasibility*), correspondem às variáveis mais estruturadas da teoria de Ajzen (1991). Assim, a perceção da viabilidade corresponde ao Controlo Comportamental Percebido, enquanto a perceção de desejo pode ser vista como um conjunto das Normas Subjetivas e da Atitude Percebida comportamento (Liñan, Rodríguez-Cohard & Rueda-Cantuche, 2005).

Ainda no âmbito dos modelos de análise surge, num estudo de Liñán e Chen (2009) baseado na TCP (Ajzen, 1991), a inclusão de um fator de análise específico sobre competências empreendedoras específicas, analisando a perceção que os indivíduos têm das suas próprias competências, nomeadamente, reconhecimento de oportunidades, criatividade, resolução de problemas, liderança e capacidade de comunicação, desenvolvimento de novos produtos e serviços e estabelecimento de relações e contactos profissionais.

### **3. Intenções Empreendedoras e características sociodemográficas**

Os modelos relativos às Intenções Empreendedoras mencionados no subcapítulo anterior, permitem também verificar, através dos antecedentes que cada um atribui a uma intenção, quais os fatores que influenciam tanto estes antecedentes como as próprias Intenções Empreendedoras. Deste modo, é pertinente referir o que, até agora, foi analisado relativamente a esta temática.

Assim, constata-se que há um interesse crescente em identificar quais as características que estão associadas ao facto de um indivíduo demonstrar maior Intenção Empreendedora e, consequentemente, aumentando as probabilidades de este se tornar empreendedor (Gerry, Marques & Noguera, 2008). É estudado na literatura referente às Intenções Empreendedoras, e analisado pelos modelos de intenções, quais os fatores que podem ou não influenciar as mesmas (Tabela 1), sendo que estes podem ser tanto a nível da situação em si ou do indivíduo (e.g. Krueger & Carsrud, 1993; Naia, 2014).

**Tabela 1.** Características associadas com as Intenções Empreendedoras.

<b>Características associadas com as IE</b>	<b>Autores</b>
Gênero	Crant, 1996; Kourilsky & Walstad, 1998; Tkachev & Kolvereid, 1999; Delmar & Davidsson, 2000; Reynolds, Carter, Gartner, Kristiansen & Indarti, 2004; Liñan, Rodríguez-Cohard & Rueda-Cantuche, 2005; Verheul, Thruik & Grilo, 2005; Díaz-Garíá & Jiménez-Moreno, 2010; Karimi, et al., 2013; Ventura & Quero, 2013; Küttim, Kallaste, Venesaar & Kiss, 2014.
Idade	Rubio López, Cordón Pozo & Agote Martín, 1999; Delmar & Davidsson, 2000; Kristiansen & Indarti, 2004; Verheul et al., 2005.
Educação/ Escolaridade/ Programas de educação para o Empreendedorismo	Davidsson, 1989; Crant, 1996; Autio et al., 1997; Lüthje & Franke, 2003; Kristiansen & Indarti, 2004; Fayolle, Gally & Lassas-Clere, 2006; Pittaway & Cope, 2007; Florin, Karri & Rossiter, 2007; Türker & Selçuk, 2009; Ahmed et al., 2010; Lanero, Vásquez, Gutiérrez & García, 2011.
Traços de personalidade:	Naffziger, Hornsby & Kuratko, 1994
– Propensão para assumir riscos	Bygrave, 1989; Koh, 1995, Phan et al., 2002.
– Necessidade de realização	Robinson et al., 1991; Koh, 1995; Phan et al., 2002; Pillis & Reardon, 2007.
– Locus de controlo	Bygrave, 1989; Robinson et al., 1991; Phan et al., 2002.
– Auto-confiança	Robinson et al., 1991.
– Tolerância a ambiguidade	Bygrave, 1989; Koh, 1995; Pillis & Reardon, 2007.
– Inovação	Robinson et al., 1991; Koh, 1995.
– Proatividade/ Propensão para agir	Krueger & Brazeal, 1994; Crant, 1996.
– Reconhecimento de oportunidades de mercado	Morris & Lewis, 1995.
– Autoeficácia	Scherer, Adams, Carley & Wiebe, 1989; Krueger, 1993; Krueger et al., 2000; Zhao, Seibert & Hills, 2005; Fayolle, 2005; Pillis & Reardon, 2007; Liñan, Rodríguez-Cohard & Rueda-Cantuche, 2010; Lee, Wong, Foo & Leung, 2011.

<b>Características associadas com as IE</b>	<b>Autores</b>
Antecedentes familiares empreendedores/Role models/Conhecimento prévio de um indivíduo empreendedor	Holland, 1983; Scherer et al., 1989; Krueger, 1993; Matthews e Moser, 1995; Crant, 1996; Tkachev e Kolvereid, 1999; Krueger, Reilly e Carsrud, 2000; Carr e Sequeira, 2007; Guerrero, Rialp e Urbano, 2008; Türker e Selçuk, 2009; Ahmed et al., 2010; Amos e Alex, 2014; Küttim, Kallaste, Venesaar e Kiss, 2014
Redes de contacto	Brockhaus e Horwitz, 1986; Scott e Twomey, 1988
Experiência profissional	Krueger et al., 2000; Lüthje e Franke, 2003; Kristiansen e Indarti, 2004
Satisfação profissional	Brockhaus, 1980; Eisenhauer, 1995; Watson, Hogarth-Scott e Wilson, 1998
Ciclo de ensino	Crant, 1996
Fatores contextuais (estruturas administrativas, economia, política, cultura, infraestruturas físicas e institucionais)	Naffziger, Hornsby e Kuratko, 1994; Lüthje e Franke, 2003; Kristiansen & Indarti, 2004; Verheul et al., 2005; Pillis e Reardon, 2007; Gerry et al., 2008; Guerrero et al., 2008; Amos e Alex, 2014

Apesar de existir uma literatura muito diversificada acerca de variáveis que estão associadas com as Intenções Empreendedoras dos indivíduos, como o género, o conhecimento prévio de pessoas empreendedoras/*role models*, fatores contextuais, satisfação e experiência profissional, existem ainda variáveis que pouco ou nada foram abordadas na literatura, nomeadamente a prática desportiva, a pertença a uma Associação de Estudantes e o ciclo de ensino. De seguida apresentam-se alguns estudos sobre estas variáveis e, sempre que possível, sobre a relação destas com as Intenções Empreendedoras ou aspetos relacionados. Assim, é possível ter um maior conhecimento do que tem sido investigado e reportado no âmbito das variáveis acima mencionadas, sendo estas as utilizadas no presente estudo.

### 3.1. Género

A influência do género nas Intenções Empreendedoras tem sido alvo de muita análise, sendo um dos fatores com maior incidência nos estudos encontrados, parecendo haver um consenso geral de que o género tem um papel determinante nas Intenções Empreendedoras (Díaz-García & Jiménez-Moreno, 2010).

Alguns estudos analisaram o impacto do género das Intenções Empreendedoras e demonstraram que o género masculino apresenta maior comportamento empreendedor do que o género feminino (Delmas & Davidsson, 2000; Matthews & Moser, 1995; Ventura & Quero, 2013). O estudo de Karimi, et al. (2013) verificou que o género afeta indiretamente as Intenções Empreendedoras através dos antecedentes presentes na TCP. Enquanto não existiam diferenças entre género na relação entre o Controlo Comportamental Percebido e as Intenções, o mesmo não se verificou com a Atitude Percebida e com a Norma Subjetiva, sendo que a primeira apresentava uma fraca significância como preditor, mas a última foi tida como sendo um forte preditor das Intenções Empreendedoras no género feminino. Já Robledo, Arán, Martin-Sanchez e Molina (2015) verificaram que o Controlo Comportamental Percebido influencia positivamente as Intenções Empreendedoras, sendo esta influência mais significativa também no género feminino.

### **3.2. Conhecimento de empreendedores**

A vida e atividades realizadas por um determinado *role model* permitem uma aprendizagem de comportamento para um indivíduo (Basow & Howe, 1980), através da possibilidade de providenciarem uma experiência de aprendizagem observacional (Scherer, Adams, Carley & Wiebe, 1989). Um *role model* pode ainda influenciar um indivíduo através de uma participação ativa no processo de aprendizagem (Krueger & Brazeal, 1994; Krueger, 2000; Krueger, Reilly & Carsrud, 2000).

A Comissão Europeia (2003), refere que os *role models* se mostram como fatores importantes no âmbito do Empreendedorismo. Os *role models* apresentam-se como um fator que proporciona a aprendizagem, a motivação e a inspiração (Gibson, 2004), que providencia apoio e orientação (Nauta & Kokaly, 2001). Desta forma, estes *role models* possibilitam uma fonte de aprendizagem, podendo inspirar estudantes a tornarem-se empreendedores de sucesso (Karimi, et al., 2013).

Estudos realizados neste âmbito, permitem verificar que este fator influencia indiretamente as Intenções Empreendedoras através dos antecedentes presentes na Teoria do Comportamento Planeado, ou seja, através da influência nas Atitudes Percebidas, Normas Subjetivas e Controlo Comportamental Percebido (Krueger, 1993; Krueger & Carsrud, 1993; Matthews & Moser, 1995; Carr & Sequeira, 2007; Karimi et al., 2013). Deste modo, é amplamente discutido na literatura que conhecer um empreendedor de sucesso possibilita um efeito positivo nos estudantes (Scherer et al., 1991; Krueger, 1993; Nauta & Kokaly, 2001; Karimi et al., 2013). Ainda, Scherer et al. (1989), reportaram no seu estudo que 35%-65% dos empreendedores tinham um ou ambos os pais ligados ao Empreendedorismo.

### 3.3. Prática desportiva

A pesquisa efetuada para a realização do presente estudo, permitiu verificar que a literatura relativa ao estudo das Intenções Empreendedoras no âmbito do desporto é muito limitada. Verificou-se que a TCP é aplicada à área desportiva nomeadamente para a perceção das intenções de atividade física (e.g. Sas-Nowosielski, 2006; Hobbs, Dixon, Johnston & Howie, 2012), mas não existem estudos empíricos que analisem especificamente as Intenções Empreendedoras, sendo esta teoria muito utilizada no campo empresarial. Assim, a pesquisa relativamente à prática desportiva aplicada ao Empreendedorismo não permite saber qual a influência que a prática de desporto tem nas Intenções Empreendedoras dos indivíduos. No entanto, poder-se-á fazer uma relação entre a prática desportiva e o desenvolvimento de determinadas competências que demonstram influenciar as Intenções Empreendedoras em diversos estudos.

Hoje em dia, o desporto e a atividade física apresentam-se como uma parte importante da vida social (Mota, 2001), podendo ser realizados como forma de ocupação dos tempos livres, alcance e manutenção de uma boa forma física e até mesmo como forma de proporcionar relacionamento interpessoal e divertimento (Jesus, 1993).

Alguns estudos têm analisado os diversos benefícios psicológicos que a prática desportiva ou atividade física têm nos indivíduos, sendo consensual que alivia a tensão (Cruz, Machado e Mota, 1996). É também preconizado que a prática desportiva aumenta o rendimento a nível académico, aumenta a assertividade, a confiança, o *locus* de controlo, a memória, a perceção, o autocontrolo e o bem-estar e eficiência no trabalho (Taylor, Sallis e Needle, 1985). Ainda, Everly e Rosenfeld (1981) evidenciam a redução da ansiedade e o aumento da autoestima e autoconfiança do indivíduo. A cooperação, o altruísmo, as atitudes positivas para o sucesso, o controlo do *stress*, a perseverança, os comportamentos adequados de tomada de risco e a capacidade para tolerar a frustração também são competências desenvolvidas por influência da prática desportiva (Smith & Smoll, 1991).

### 3.4. Experiência profissional

Estudos direcionados para se entender de que modo a experiência profissional pode ou não influenciar negativa ou positivamente as Intenções Empreendedoras dos indivíduos ou até mesmo os antecedentes destas, ainda não se encontram em grande escala na literatura atual relacionada com o Empreendedorismo e as Intenções Empreendedoras.

Desta forma, ao analisar o estudo de Matthews e Moser (1995), é possível verificar que os autores obtiveram resultados que permitiram concluir que a experiência profissional se apresenta como fator que influencia positivamente as Intenções e comportamentos



empreendedores. Por outro lado, Naia (2014), verificou que a estrutura fatorial do modelo da TCP não variava em função da experiência profissional.

### **3.5. Pertença a Associação de Estudantes**

A participação em atividades curriculares proporciona aos estudantes não só a oportunidade de aplicar os seus conhecimentos a contextos reais, mas também permite desenvolver competências que poderão ser úteis na sua realidade após a faculdade (Astin, 1993).

Deste modo, existe uma associação entre mudanças de desenvolvimento a nível cognitivo e afetivo dos estudantes e a participação em atividades extracurriculares, sendo que a participação nestas atividades tem influência nos traços comportamentais e características de personalidade dos estudantes (Astin, 1993; Pascarella & Terenzini, 1991), que podem ter influência nas Intenções Empreendedoras (e.g. Naffziger, Hornsby & Kuratko, 1994). Ainda no âmbito do comportamento e das características de um indivíduo, Astin (1993) relata no seu trabalho que a capacidade de falar em público, as competências de liderança e as competências interpessoais estão significativamente correlacionadas com as horas que um estudante despende em organizações estudantis.

Contudo, não foram encontrados estudos que relacionem a pertença a Associações de Estudantes com as Intenções Empreendedoras e respetivos antecedentes.

### **3.6. Ciclos de ensino**

No que concerne à influência dos ciclos de ensino nas Intenções Empreendedoras e respetivos antecedentes, também não foram encontrados estudos que relacionem estas variáveis de forma aprofundada. Relativamente a uma comparação entre ciclos de ensino, a pesquisa não demonstrou uma abundância de estudos que permitissem analisar a influência dos ciclos de ensino sobre as Intenções Empreendedoras. O único estudo encontrado aborda o facto de os alunos do Mestrado de Administração de Negócios apresentarem uma maior intencionalidade empreendedora do que os alunos da mesma Licenciatura (Crant, 1996).

## **4. Psicomotricidade e Ensino em Reabilitação Psicomotora**

Tendo em conta o âmbito em que é realizado o estudo, torna-se importante fazer uma pequena abordagem à Psicomotricidade, bem como ao curso de Reabilitação Psicomotora, mencionando a formação na área nas diferentes Faculdades onde o curso é lecionado. De uma forma global, a Psicomotricidade tem como base uma visão holística do ser humano, pois perceciona o corpo, mente e espírito como uma unidade, sendo indissociáveis. Deste

modo, a Psicomotricidade prevê, no desenvolvimento de um indivíduo num contexto psicossocial, o efeito da influência mútua das dimensões da cognição, emoção e motora (European Forum of Psychomotricity, s.d.).

Na perspetiva de Fonseca (2004), a Psicomotricidade é definida como sendo um campo transdisciplinar que permite analisar as relações entre a motricidade e o psiquismo dos indivíduos. Nesta definição, o psiquismo é entendido como o conjunto do funcionamento mental, querendo isto dizer que integra as sensações, percepções, as emoções, afetos, as aspirações, os medos, as simbolizações e a complexidade dos processos relacionais e sociais e integra ainda todos os processos cognitivos como a atenção, processamento, integração sensorial (Fonseca, 2004). A motricidade por sua vez, é o conjunto de expressões mentais e corporais que envolvem funções tónicas, posturais, somatognósicas e práticas (Fonseca, 2004). Ainda na perspetiva do mesmo autor, a Psicomotricidade tem como principal objetivo a maximização do potencial psicomotor dos indivíduos, sendo que tem como base acelerar e/ou compensar o desenvolvimento destes indivíduos nas três dimensões acima mencionadas: cognição, motora e emocional (Fonseca, 2009).

A prática psicomotora pode ser utilizada em contextos preventivos, pedagógicos e terapêuticos (European Forum of Psychomotricity, s.d.). De acordo com Martins (2001), a prática psicomotora unifica a relação entre o corpo e a atividade mental, o real e o imaginário e o espaço e o tempo, de maneira a melhorar as possibilidades de execução aquando as trocas com o envolvimento, através da sua atuação no indivíduo (Martins, 2001).

#### **4.1. Formação no âmbito da Psicomotricidade**

A Psicomotricidade surge em Portugal na década de 80, através de uma Licenciatura em Educação Física, lecionada no Instituto Superior de Educação Física (ISEF), onde existia uma especialização em Educação Especial e Reabilitação (EER), que fazia referência a conceitos básicos relativos a Psicomotricidade. Esta especialização foi, posteriormente, nos anos 90, separada da Licenciatura, tornando-se numa Licenciatura independente, apresentando-se com três ramos de especialização (Associação Portuguesa de Psicomotricidade [APP], s.d.).

Mais recentemente, em 2002, na Faculdade de Motricidade Humana (FMH [ex-ISEF]), esta Licenciatura passou a ser um ciclo de estudos específico em Reabilitação Psicomotora. A partir daí, surgiu uma Licenciatura também em Reabilitação Psicomotora na Universidade Fernando Pessoa, em 2006, sendo depois criadas, no ano seguinte, Licenciaturas nesta área em mais três instituições de ensino superior, Universidade de

Trás-os-Montes e Alto Douro, a Universidade de Évora e o Instituto Piaget, estando esta Licenciatura presente tanto no ensino público como no privado (APP, s.d.).

A formação de um profissional de Reabilitação Psicomotora (Técnico Superior de Reabilitação Psicomotora – Psicomotricista), que atua num campo abrangente e interdisciplinar, respondendo a diversas situações onde a adaptação de um indivíduo está comprometida, é o principal objetivo desta Licenciatura (FMH, s.d.). Tem-se também, como objetivos, que um aluno desta Licenciatura, na FMH, consiga adquirir conhecimentos nas diferentes áreas científicas lecionadas no ciclo de estudos, aplicando os conhecimentos na prática; consiga adquirir capacidade de recolher e interpretar informação pertinente, bem como transmitir a informação, ideias, problemas e consequentes resoluções num campo específico de intervenção (FMH, s.d.).

No plano de estudos da Licenciatura em Reabilitação Psicomotora, pode-se verificar que apenas na Universidade de Évora e na FMH existem unidades curriculares que abordam a temática do Empreendedorismo, sendo que na primeira existe uma unidade curricular optativa de Empreendedorismo e Inovação Empresarial que pode ser escolhida no 2.º ou 3.º ano de Licenciatura e na segunda existe uma unidade curricular no 1.º ano de Mestrado – Formação Profissional e Organização do Trabalho, que contém um módulo de Introdução ao Empreendedorismo. Ainda na FMH, pode-se verificar que, no 2.º ano da Licenciatura em Reabilitação Psicomotora, existe uma unidade curricular – Desenvolvimento Curricular – que aborda o Empreendedorismo através da construção de um projeto de intervenção.

Em termos de formação em 2.º ciclo, um Psicomotricista poderá prosseguir estudos na FMH e na Universidade de Évora, onde existem Mestrados em Reabilitação Psicomotora e Psicomotricidade Relacional, respetivamente (APP, s.d.). Atualmente, a profissão do Psicomotricista apenas está regulamentada nas Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS), faltando ainda o seu reconhecimento pelo Ministério da Educação e pelo Ministério da Saúde, sendo que a Associação Portuguesa de Psicomotricidade, desenvolve iniciativas de modo a promover o conhecimento acerca da Psicomotricidade e regulamentação da profissão pelas entidades responsáveis (APP, s.d.).



## **CAPÍTULO II**

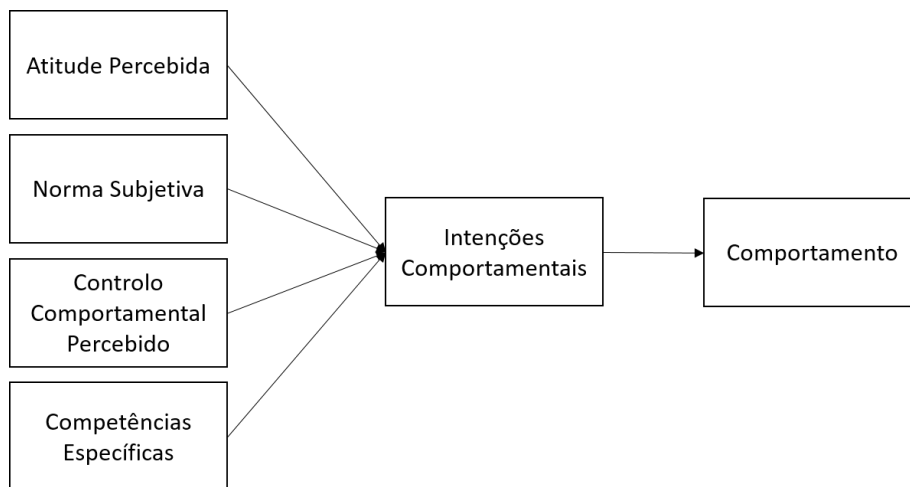
### **METODOLOGIA**

## Metodologia

### 1. Modelo de Análise

O questionário proposto por Liñán e Chen (2009), reúne um conjunto de perguntas que pretende analisar as antecedentes das Intenções Empreendedoras que estão identificadas na literatura, principalmente as presentes na Teoria do Comportamento Planeado (Ajzen, 1991). Assim, o presente modelo tem em conta que a TCP preconiza que o conjunto da Atitude Percebida, das Normas Subjetivas e do Controlo Comportamental Percebido correspondem aos antecedentes das intenções comportamentais de um indivíduo e, conseqüentemente, do seu comportamento (Ajzen, 1991).

Aliado a estes antecedentes, no EIQ (Liñán & Chen, 2009), abordam ainda um ponto acerca de Competências Específicas de Empreendedorismo que permite avaliar a percepção de cada indivíduo sobre as competências mencionadas no questionário. Assim, o modelo de análise utilizado para interpretação dos resultados, abaixo apresentado (Figura 1), resulta de um conjunto destes quatro antecedentes, Atitude Percebida, Norma Subjetiva, Controlo Comportamental Percebido e Competências Específicas.



**Figura 1.** Modelo adaptado da TCP proposta por Ajzen (1991) com inclusão do fator Competências Específicas.

### 2. Objetivos

Com o presente trabalho, pretende-se contribuir para o estudo das Intenções Empreendedoras em estudantes do Ensino Superior, em particular no curso de Reabilitação Psicomotora, pelo que os objetivos do estudo são: (1) analisar os antecedentes das Intenções Empreendedoras dos estudantes de Reabilitação Psicomotora da Faculdade de Motricidade Humana, nos diferentes ciclos e anos de ensino;

(2) comparar os níveis de Atitude Percebida, as Normas Subjetivas, o Controlo Comportamental Percebido, as Competências Específicas e as Intenções Empreendedoras em função do género, do ciclo de ensino, da experiência profissional, do conhecimento de Empreendedores, da prática desportiva e da pertença a uma Associação de Estudantes.

O protocolo do estudo foi aprovado pelo Conselho de Ética da Faculdade de Motricidade Humana com o parecer CEFMH n.º 21/2015.

### **3. Amostra e procedimento de recolha de dados**

A população deste estudo consistiu em alunos do 1.º e 2.º ciclos do curso de Reabilitação Psicomotora, da Faculdade de Motricidade Humana, da Universidade de Lisboa. Foram aplicados 130 questionários a alunos com idades compreendidas entre os 18 e os 40 anos. Os 130 questionários não englobam a totalidade dos alunos de Reabilitação Psicomotora dos dois ciclos pois nem todos estavam presentes na altura da recolha de dados. No entanto, todos os questionários recolhidos foram respondidos e utilizados na análise estatística, não havendo necessidade de excluir nenhum.

Para a aplicação do questionário procedeu-se à análise dos horários de todas as turmas de ambos os ciclos de ensino do curso de Reabilitação Psicomotora, optando-se por incidir nas aulas teóricas, que reuniam grande parte dos alunos, sendo que foi pedido aos professores que lecionavam essas aulas, através de *e-mail*, que disponibilizassem 15/20 minutos da sua aula para a aplicação do instrumento. Aos alunos, foi entregue o questionário em papel, aguardando que o preenchessem e recolhendo no final.

No que diz respeito ao 2.º ano do 2.º ciclo, uma vez que apenas têm estágio curricular ou dissertação para realizar, ou seja, não têm aulas, colocou-se o ficheiro do questionário em pdf. editável, de forma a poder manter o formato do questionário, mas possibilitando a sua divulgação através de *e-mail*, onde foi pedido aos alunos que preenchessem o mesmo e o remetessem ao endereço de envio.

Deste modo, foi possível reunir diversas informações sociodemográficas que permitem caracterizar a população que respondeu ao questionário, estando estas apresentadas na tabela abaixo (Tabela 2).

**Tabela 2.** Dados sociodemográficos dos participantes.

<b>Fator sociodemográfico</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% acumulada</b>
<b>Gênero</b>			
Feminino	110	84.6	84.6
Masculino	20	15.4	100.0
<b>Idade</b>			
18	20	15.4	15.4
19	28	21.5	36.9
20	35	26.9	63.8
21	16	12.3	76.2
22	21	16.2	92.3
23	1	.8	93.1
24	4	3.1	96.2
25	1	.8	96.9
28	1	.8	97.7
33	1	.8	98.5
34	1	.8	99.2
40	1	.8	100.0
<b>Ciclo</b>			
<b>Licenciatura</b>	104	80.0	
1.º ano	44	33.8	42.3
2.º ano	36	27.7	76.9
3.º ano	24	18.5	100.0
<b>Mestrado</b>	26	20.0	
1.º ano	15	11.5	57.7
2.º ano	11	8.5	100.0
<b>Agregado</b>			
1	2	1.5	1.6
2	14	10.8	12.4
3	31	23.8	36.4
4	59	45.4	82.2
5	17	13.1	95.3
6	4	3.1	98.4
7	1	.8	99.2
8	1	.8	100.0
<b>Experiência profissional por conta de outrem</b>			
Não	75	57.7	57.7
Sim	55	42.3	100.0



<b>Fator sociodemográfico</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% acumulada</b>
Experiência profissional por conta própria			
Não	127	97.7	97.7
Sim	3	2.3	100.0
Conhecimento de Empreendedores			
Não	71	54.6	54.6
Sim	59	45.4	100.0
Associação dos Estudantes			
Não	84	64.6	64.6
Sim	46	35.4	100.0
Prática desportiva			
Não	88	67.7	67.7
Sim	42	32.3	100.0

Assim, é possível verificar que relativamente ao género, a amostra é maioritariamente do género feminino (84.6%), representando mais de dois terços do total dos participantes, uma vez que o género masculino se apresenta em menor percentagem (15.4%). No que diz respeito à variável Idade, é possível verificar um intervalo de 22 anos entre as idades dos participantes, sendo que a maioria dos elementos da amostra se encontra mais concentrada no intervalo entre os 18 e os 22, perfazendo um total de 92.3% da amostra. Com exceção dos 24 anos (quatro participantes), as restantes idades indicadas apresentam apenas um participante cada.

Ao nível do ciclo de ensino que frequentam, mais de dois terços dos inquiridos encontram-se a frequentar a Licenciatura (80.0%), sendo que neste grupo, aparecem em maior quantidade os que frequentam o 1.º ano (33.8%). Os participantes que frequentam o Mestrado apresentam números semelhantes em ambos os anos – 1.º ano conta com 11.5%, enquanto o 2.º apresenta 8.5%, sendo esta a amostra mais pequena de entre todos os anos.

O agregado familiar dos participantes oscila entre apenas um elemento até um máximo de oito elementos. A grande maioria dos participantes tem um agregado familiar entre os dois e os cinco elementos (93.1%). Em menor escala apresentam-se os agregados familiares compostos por sete ou mais elementos (1.6%).

No que diz respeito à experiência profissional dos participantes do estudo, podemos averiguar que mais de metade (57.7%) ainda não teve qualquer tipo de experiência profissional, ao contrário do que acontece com 55 dos participantes (42.3%). Destes 55, apenas três estudantes (2.3%) afirmam trabalhar ou ter trabalhado por conta própria. Relativamente ao conhecimento de empreendedores, mais de metade dos participantes

(54.6%) não conhecem nenhum indivíduo que seja empreendedor. No entanto, dos 130 participantes, 59 conhecem um ou mais indivíduos empreendedores (45.4%).

Ao nível de participação em atividades extracurriculares como integração numa equipa da Associação dos Estudantes ou a prática desportiva, podemos verificar que grande parte alunos não participa/participou numa destas atividades. Assim, apenas 35.4% dos alunos pertence/pertenceu a uma Associação dos Estudantes e apenas 32.3% praticam/praticaram um desporto.

#### **4. Instrumento**

Neste estudo foi aplicado o Questionário de Intenções Empreendedoras (*Entrepreneurial Intentions Questionnaire*) proposto por Liñán e Chen (2009). Este questionário inclui um total de 20 itens avaliados numa escala de *Likert* de 7 pontos e que representam os seguintes construtos: Intenção Empreendedora (itens A4, A6, A9-revertido, A13, A17 e A19-revertido); Controlo Comportamental Percebido (itens A1, A5-revertido, A7, A14, A16-revertido, A20); Atitude Percebida (itens A2-revertido, A10, A12-revertido, A15 e A18) e Norma Subjetiva (A3, A8, A11). O questionário inclui ainda questões para medir as Competências/Competências Específicas (itens B1 - reconhecimento de oportunidades, B2 - criatividade, B3 - resolução de problemas, B4 - liderança e capacidade de comunicação, B5 - desenvolvimento de novos produtos e serviços e B6 - estabelecimento de relações e contactos profissionais) e que são também avaliadas com uma escala de *Likert* de 7 pontos. Posteriormente, existe uma área sobre a formação e experiência dos participantes, sobre o seu conhecimento de pessoas empreendedoras, sendo as respostas apresentadas em escala dicotómica (sim vs. não). No final, apresenta questões relativas aos fatores sociodemográficos dos participantes (ver secção anterior sobre caracterização da amostra). O questionário utilizado sofreu alterações em relação ao original proposto por Liñán e Chen (2009), na medida em que foram retiradas questões que não iam ao encontro dos objetivos deste estudo e acrescentadas algumas questões pertinentes a nível de dados sociodemográficos.

#### **5. Adaptação do Instrumento**

Para chegar à versão adaptada e reduzida do questionário que foi utilizada neste estudo, procedeu-se a uma análise da versão original do mesmo (EIQ v3.2), verificando quais as questões mais pertinentes e quais as que podiam ser eliminadas sem por em causa os objetivos do estudo. Deste modo, foram retirados grupos de questões relacionados com o nível de atração profissional, com a valorização social e com o objetivo empresarial. Foram

ainda acrescentadas questões específicas para os alunos de Mestrado, de modo a diferenciar ainda mais estes dos de Licenciatura.

De seguida, aplicou-se o teste a três indivíduos, que apontaram alguns erros ortográficos, alguma dificuldade na perceção de certas questões, afirmando que eram um pouco dúbias, e sugeriram algumas alterações à ordem das questões. Estas sugestões foram analisadas e efetuaram-se as mais pertinentes para uma aplicação adequada e clara do instrumento.

## **6. Análise de dados**

Os dados foram analisados com recurso ao *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS 20.0)*. Para realizar a caracterização da amostra, foi utilizada estatística descritiva, onde foram criadas tabelas com frequências relativas e absolutas para as variáveis sociodemográficas dos participantes do estudo.

De seguida, procedeu-se à análise da consistência interna dos fatores (Atitudes Percebidas, Normas Subjetivas, Controlo Comportamental, Intenções Empreendedoras e Competências Específicas) através do valor do alfa de *Cronbach*, considerando valores superiores a .70 como indicativos de uma boa consistência interna (Marôco, 2010).

Para cumprir o primeiro objetivo do estudo foi feita uma análise de regressão linear múltipla, verificando previamente os pressupostos do teste através da análise dos valores de inflação de variância (VIF) e da tolerância (T). Consideraram-se valores inferiores a 3.0 para VIF e superiores a .1 para T, como indicativos de inexistência de multicolinearidade (Fox, 1991; Marôco, 2010). Posteriormente, para cumprir o segundo objetivo deste estudo foram realizados testes *t-student*, onde se verificou primeiramente o pressuposto da normalidade, bem como os valores de assimetria e curtose e o pressuposto da homocedasticidade. Os dados reportados têm em conta os valores apresentados pelo teste de Levene ( $p < .05$ ) para análise da igualdade de variância (ver anexo G).



## **CAPÍTULO III**

# APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

## Apresentação dos resultados

### 1. Análise dos fatores teóricos

Assim, procedeu-se a uma análise descritiva e da consistência interna dos fatores teóricos usados no modelo de análise. Posteriormente, executou-se uma regressão linear múltipla para se averiguar quais os fatores que mais influenciam as Intenções Empreendedoras. Por último, para se conseguir responder ao segundo objetivo, procedeu-se à realização de testes *t-student* para comparar as médias dos fatores teóricos em função do ciclo de ensino, Experiência Profissional, Conhecimento de Empreendedores, género, pertença à Associação de Estudantes e a prática desportiva.

#### 1.1. Análise descritiva dos itens

Na tabela 3 são apresentados os valores da estatística descritiva e a sensibilidade dos itens usados no questionário. Da análise da tabela pode-se verificar que todos os itens apresentam valores de assimetria entre -3 e 3 e de curtose entre -7 e 7, verificando-se a sua sensibilidade e podendo-se prosseguir com testes complementares (Kline, 1999)

**Tabela 3.** Média, desvio padrão (DP), assimetria e curtose dos itens usados no questionário.

Itens	Média	DP	Assimetria	Curtose
A1. Criar uma empresa e mantê-la em funcionamento, seria fácil para mim	3.41	1.13	-.06	.03
A2. A carreira de empreendedor parece-me pouco atrativa	2.99	1.61	.59	-.76
A3. Os meus amigos aprovariam a minha decisão de criar uma empresa	5.68	1.12	-.79	.54
A4. Estou disposto a ser empreendedor a todo o custo	3.24	1.35	.03	-.63
A5. Creio que seria totalmente incapaz de criar uma empresa viável	2.59	1.43	.94	.37
A6. Vou esforçar-me para criar e dirigir a minha própria empresa	4.16	1.68	-.12	-.82
A7. Estou preparado para controlar o processo de criação de uma nova empresa	3.32	1.46	.38	-.18
A8. A minha família aprovaria a minha decisão de criar uma empresa	5.68	1.22	-.72	.02
A9. Tenho sérias dúvidas sobre a hipótese de criar uma empresa algum dia	3.78	1.59	.31	-.61

Itens	Média	DP	Assimetria	Curtose
A10. Se tivesse oportunidade e recursos, adoraria criar uma empresa	5.63	1.41	-.90	.33
A11. Os meus colegas aprovariam a minha decisão de criar uma empresa	5.66	1.10	-.58	-.23
A12. Tendo várias opções, preferia ser qualquer coisa que não empreendedor	3.60	1.61	.38	-.66
A13. Estou decidido a criar uma empresa no futuro	3.64	1.48	.11	-.68
A14. Se tentar criar uma empresa, terei uma alta probabilidade de ser bem-sucedido	4.18	1.11	.15	.21
A15. Ser empreendedor dar-me-ia grande satisfação	4.91	1.47	-.70	.04
A16. Para mim, seria muito difícil desenvolver uma ideia de negócio	3.59	1.46	.08	-.88
A17. O meu objetivo profissional é ser empresário	2.62	1.39	.74	-.06
A18. Ser empreendedor dar-me-ia mais vantagens do que inconvenientes	4.16	1.37	-.02	-.26
A19. Tenho muito poucas intenções de criar uma empresa algum dia	3.65	1.69	.50	-.80
A20. Conheço todos os detalhes práticos necessários para criar uma empresa	2.04	1.10	1.30	2.54
B1. Reconhecimento de oportunidades	4.60	1.14	-.25	-.52
B2. Criatividade	4.90	1.20	-.73	.27
B3. Resolução de problemas	5.06	.90	-.38	-.25
B4. Liderança e capacidade de comunicação	4.88	1.19	-.20	-.38
B5. Desenvolvimento de novos produtos e serviços	4.45	1.16	-.27	-.34
B6. Estabelecimento de relações e contactos profissionais	4.90	1.17	-.16	-.40

Em relação aos valores médios, os itens que apresentam uma maior média são A3, A8, A10, A11 e B3, contrastando com os itens A2, A5, A17, A20, sendo que estes apresentam as médias mais reduzidas.

### 1.2. Consistência interna dos fatores teóricos

Com base no modelo da Teoria do Comportamento Planeado (TCP: Ajzen, 1991), os itens do questionário foram agrupados pelos fatores teóricos e foi calculada a consistência

interna (Atitudes Percebidas – AP; Normas Subjetivas – NS, Controlo Comportamental Percebido – CCP, Intenções Empreendedoras – IE e Competências Específicas – CE). Assim, é possível verificar, na tabela seguinte, que os fatores Atitudes Percebidas, Normas Subjetivas, Controlo Comportamental Percebido, Intenções Empreendedoras, Competências Específicas mostraram valores de  $\alpha > .70$ . Deste modo, verifica-se que existe uma boa consistência interna em todos os fatores (i.e., fatores teóricos), podendo assim avançar-se para os testes de inferência estatística (Tabela 4).

**Tabela 4.** Consistência interna dos fatores teóricos.

Fatores	Média	DP	Assimetria	Curtose	$\alpha$
<b>Atitudes Percebidas</b>	4.82	1.12	-.61	.24	.80
<b>Normas Subjetivas</b>	5.67	.94	-.20	-.97	.76
<b>Controlo Comportamental Percebido</b>	3.79	.92	.13	-.09	.80
<b>Intenções Empreendedoras</b>	3.70	1.17	-.06	-.41	.86
<b>Competências Específicas</b>	4.81	.73	-.25	-.07	.72

### 1.3. Estudo preditivo

Os resultados da regressão linear múltipla (variáveis independentes: Atitudes Percebidas, Normas Subjetivas, Controlo Comportamental Percebido e Competências Específicas; variável dependente: Intenções Empreendedoras), são apresentados na tabela 5. Não se verificaram problemas de multicolinearidade, dado que valores de T e de VIF foram superiores a .1 e inferiores a 3.0, respetivamente (Fox, 1991). Ao analisar as relações, é possível verificar que tanto a Atitude Percebida como o Controlo Comportamental Percebido têm um efeito positivo e significativo nas Intenções Empreendedoras ( $p < .05$ ), enquanto que os restantes fatores não apresentam efeitos significativos ( $p > .05$ ).

Adicionalmente, a análise do  $R^2$  permite verificar que o conjunto das variáveis Atitudes Percebidas, Normas Subjetivas, Controlo Comportamental Percebido e Competências Específicas, explica 77.1% da variância das Intenções Empreendedoras.

**Tabela 5.** Resultados da regressão linear.

Fator	Beta ( $\beta$ )	t	Sig. (p)	Tol	VIF
Atitudes Percebidas	.55	9.50	.00	.54	1.87
Normas Subjetivas	-.72	-1.59	.11	.88	1.14
Controlo Comportamental Percebido	.46	7.47	.00	.47	2.14



Fator	Beta ( $\beta$ )	t	Sig. (p)	Tol	VIF
Competências Específicas	-.03	-.58	.56	.70	1.44

F(4.129)=109.28,  $p < .01$   
 $R^2 = .778$ ;  $R^2$  ajustado = .771

## 2. Estudo comparativo

Para se perceber como variava a média dos fatores teóricos do modelo de análise em função das variáveis identificadas na literatura (género, conhecimento de empreendedores, prática desportiva, experiência profissional, pertença a uma AE e ciclos de ensino), procedeu-se à realização de testes *t-student*.

### 2.1. Género

Na comparação entre géneros (Tabela 6), é possível verificar que as médias dos participantes do género feminino são superiores em todos os fatores exceto nas Competências Específicas, sendo também possível observar que as médias destes fatores não apresentam diferenças estatisticamente significativas, uma vez que todas apresentam valores de  $p > .05$ . Contudo, os resultados obtidos neste teste devem ser analisados com cautela, uma vez que existe uma grande discrepância entre o número de participantes do género feminino e masculino.

**Tabela 6.** Médias dos antecedentes das IE no género.

Fator	Feminino (n=110)		Masculino (n=20)		T	Sig.
	Média	DP	Média	DP		
Atitudes Percebidas	4.88	1.11	4.49	1.15	1.45	.15
Normas Subjetivas	5.70	.95	5.52	.92	.81	.42
Controlo Comportamental Percebido	3.81	.92	3.70	.93	.50	.62
Intenções Empreendedoras	3.75	1.17	3.44	1.15	1.08	.28
Competências Específicas	4.80	.73	4.85	.75	-.28	.78

### 2.2. Conhecimento de empreendedores

Na comparação entre estudantes com conhecimento ou não de Empreendedores, é possível verificar que alunos que conhecem indivíduos empreendedores apresentam médias superiores em todos os fatores analisados.

No entanto, verifica-se, na tabela 7, que apenas as médias de dois fatores, Normas Subjetivas e Controlo Comportamental Percebido, apresentam diferenças estatisticamente

significativas, apresentando ambas  $p = .03$ . Nos restantes antecedentes, não se verificaram diferenças significativas ( $p > .05$ ).

**Tabela 7.** Médias dos antecedentes das IE no conhecimento de empreendedores.

Fator	Não (n=48)		Sim (n=82)		t	Sig.
	Média	DP	Média	DP		
Atitudes Percebidas	4.58	1.24	4.96	1.03	-1.87	.06
Normas Subjetivas	5.44	.91	5.81	.94	-2.16	.03
Controlo Comportamental	3.57	.86	3.93	.92	-2.21	.03
Percebido						
Intenções Empreendedoras	3.49	1.17	3.83	1.16	-1.62	.11
Competências Específicas	4.73	.76	4.85	.72	-.94	.35

### 2.3. Prática desportiva

Na comparação entre alunos que praticam/praticaram desporto ou que não praticam (Tabela 8), os primeiros apresentam médias superiores em todos os fatores analisados.

Ainda, verifica-se que as médias de todos os fatores se apresentam como estatisticamente significativas ( $p < .05$ ), à exceção do fator Normas Subjetivas, que apresenta um valor de  $p = .89$ .

**Tabela 8.** Médias dos antecedentes das IE na prática desportiva.

Fator	Não (n=88)		Sim (n=42)		t	Sig.
	Média	DP	Média	DP		
Atitudes Percebidas	4.65	1.15	5.18	.97	-2.58	.01
Normas Subjetivas	5.67	.98	5.69	.86	-.13	.89
Controlo Comportamental	3.66	.94	4.07	.82	-2.39	.02
Percebido						
Intenções Empreendedoras	3.54	1.18	4.05	1.07	-2.39	.02
Competências Específicas	4.72	.75	4.99	.65	-1.97	.05

### 2.4. Experiência profissional

Na comparação entre alunos com e sem experiência profissional verifica-se que os alunos com experiência profissional apresentam médias superiores em todos os fatores analisados. Assim, é possível verificar, na tabela 9, que todos os fatores apresentam diferenças estatisticamente significativas ( $p < .05$ ), excetuando o fator Normas Subjetivas ( $p = .32$ ), à semelhança do que acontece no fator da prática desportiva.

**Tabela 9.** Médias dos antecedentes das IE na experiência profissional.

Fator	Sem experiência (n= 75)		Com experiência (n=55)		T	Sig.
	Média	DP	Média	DP		
Atitudes Percebidas	4.59	1.22	5.14	.89	-3.01	.00
Normas Subjetivas	5.60	.96	5.77	.91	-.99	.32
Controlo Comportamental Percebido	3.59	.86	4.08	.93	-3.09	.00
Intenções Empreendedoras	3.45	1.17	4.05	1.10	-2.97	.00
Competências Específicas	4.68	.76	4.98	.66	-2.33	.02

## 2.5. Participação na Associação de Estudantes

Na comparação entre alunos que participaram ou não em Associação de Estudantes, verifica-se que os alunos que já participaram apresentam médias superiores nos fatores Controlo Comportamental Percebido e Competências Específicas, enquanto que os que nunca participaram apresentam médias superiores nos fatores Atitudes Percebidas e Normas Subjetivas (Tabela 10). A média do fator Intenções Empreendedoras é igual em ambos ( $M=3.70$ ). Verifica-se ainda que as diferenças entre as médias de todos os fatores não são estatisticamente significativas ( $p > .05$ ).

**Tabela 10.** Médias dos antecedentes das IE na pertença a uma AE.

Fator	Não (n=84)		Sim (n=46)		t	Sig.
	Média	DP	Média	DP		
Atitudes Percebidas	4.84	1.12	4.78	1.13	.29	.77
Normas Subjetivas	5.69	.87	5.65	1.06	.19	.85
Controlo Comportamental Percebido	3.78	.88	3.83	.99	-.32	.75
Intenções Empreendedoras	3.70	1.21	3.70	1.11	-.00	1.00
Competências Específicas	4.74	.77	4.93	.64	-1.43	.16

## 2.6. Ciclos de ensino

Na comparação dos ciclos de ensino, é possível verificar, na tabela 11, que as médias das Atitudes Percebidas, Normas Subjetivas e Controlo Comportamental Percebido são superiores nos alunos de Licenciatura, enquanto os alunos de Mestrado apresentam médias superiores nas Competências Específicas e Intenções Empreendedoras. Verifica-se ainda que as diferenças entre as médias de todos os fatores não são estatisticamente significativas ( $p > .05$ ).

Contudo, é necessário interpretar estes resultados com cautela dado que o número de participantes de Licenciatura e de Mestrado apresenta grande discrepância e apenas foram analisados 26 alunos no Mestrado.

**Tabela 11.** Médias dos antecedentes das IE no ciclo de ensino.

Fator	Licenciatura (n=104)		Mestrado (n=26)		t	Sig.
	Média	DP	Média	DP		
Atitudes Percebidas	4.84	1.10	4.75	1,21	.34	.73
Normas Subjetivas	5.70	.91	5.58	1.05	.59	.56
Controlo	3.81	.89	3.71	1.01	.56	.58
Comportamental Percebido						
Intenções Empreendedoras	3.68	1.19	3.78	1.11	-.39	.70
Competências Específicas	4.77	.73	4.96	.72	-1.16	.25

## **CAPÍTULO IV**

### **DISCUSSÃO DE RESULTADOS**

## Discussão de resultados

### 1. Antecedentes e fatores teóricos das intenções

O presente estudo pretendeu analisar os antecedentes das Intenções Empreendedoras e de que forma certos fatores sociodemográficos as influenciam, nomeadamente os fatores género, conhecimento de empreendedores, prática desportiva, experiência profissional, pertença a uma Associação de Estudantes e ciclo de ensino, nos estudantes de 1.º e 2.º ciclo do curso de Reabilitação Psicomotora da Faculdade de Motricidade Humana. Após análise da literatura, conclui-se que existem diversas variáveis que podem influenciar as Intenções Empreendedoras dos estudantes através da sua influência direta nos antecedentes das mesmas.

Desta forma, relativamente aos antecedentes das Intenções Empreendedoras, a análise estatística desenvolvida permitiu verificar que existe consistência interna em cada um dos antecedentes, o que vai ao encontro do estabelecido por Liñán e Chen (2009), que, com base na TCP, agruparam os diferentes itens das escalas utilizadas no questionário nos vários fatores teóricos. Assim, após a análise estatística, foi possível verificar que os antecedentes que maior efeito têm nas Intenções Empreendedoras são a Atitude Percebida e o Controlo Comportamental Percebido, enquanto os restantes antecedentes apresentam uma influência que, de acordo com os resultados obtidos no estudo, não é estatisticamente significativa. Estes resultados vão ao encontro do estudo realizado por Fini, Grimaldi, Marzocchi e Sobrero (2009) que corroboraram esta afirmação, alegando que apenas a Atitude Percebida e o Controlo Comportamental Percebido apresentam influência significativa na explicação das IE. O facto de o fator Norma Subjetiva não aparentar estar associado de forma significativa com as IE é encontrado em vários estudos (e.g. Ajzen, 1991; Krueger, Reilly & Carsrud, 2000; Liñán & Chen, 2009; Naia, 2014, especialmente em indivíduos que apresentam um elevado *locus* de controlo (Ajzen, 1991).

Verificou-se que o conjunto dos antecedentes das Intenções Empreendedoras presentes na TCP, juntamente com as Competências Específicas, explicam 77.1% da variância das Intenções Empreendedoras, i.e., uma Intenção Empreendedora é influenciada, na sua grande maioria, por este conjunto de fatores, o que é corroborado por Ajzen (1991), que na sua Teoria do Comportamento Planeado preconiza que uma determinada intenção e um determinado comportamento são influenciados por três dos antecedentes utilizados, ou seja, a Atitude Percebida, o Controlo Comportamental Percebido e a Norma Subjetiva, em conjunto com as Competências Específicas.

## **2. Importância de fatores sociodemográficos**

De acordo com a literatura analisada, são diversos os fatores que podem influenciar, direta ou indiretamente, as Intenções Empreendedoras dos indivíduos. O questionário utilizado pretende perceber quais os fatores que influenciam as Intenções Empreendedoras.

Deste modo, foram utilizadas as variáveis sociodemográficas mais frequentemente indicadas na literatura, optando-se ainda por incluir uma que, apesar de não ter uma amostra suficientemente representativa, não foi ainda analisada em estudos prévios. Assim, cada uma das variáveis utilizadas no presente estudo é agora analisada, de modo a relatar quais as conclusões que se obtiveram e quais os factos que poderão justificá-las.

### **2.1. Género**

Como verificado no capítulo anterior, as médias dos fatores dos participantes do género feminino são superiores às do género masculino, exceto no fator Competências Específicas, não existindo diferenças estatisticamente significativas nas médias de todos os fatores.

Estes resultados divergem do estudo realizado por Díaz-García e Jiménez-Moreno (2010), uma vez que estes autores afirmam que o género tem um papel determinante nas IE, sendo que as afeta indiretamente através dos antecedentes da TCP, o que também é verificado por Karimi et al. (2013). Divergem também de outros estudos analisados (Delmas & Davidsson, 2000; Matthews & Moser, 1995; Ventura & Quero, 2013), que alegam que o género masculino apresenta maior comportamento empreendedor que o género feminino. Assim, resultados semelhantes aos do presente estudo, i.e., que não encontram influências significativas do género nas Intenções Empreendedoras, são encontrados no estudo de Naia (2014).

O facto de o género feminino apresentar maiores médias no presente estudo, embora não significativas, pode dever-se ao facto de a amostra recolhida para este estudo contar, na sua grande maioria, com indivíduos do género feminino (84.6% feminino vs. 15.4% masculino). Desta forma, não é possível generalizar as conclusões retiradas a toda a população estudantil de ambos os ciclos de ensino de Reabilitação Psicomotora. Talvez se a amostra fosse maior e abrangesse mais alunos do género masculino estes resultados seriam diferentes.

### **2.2. Conhecimento de empreendedores**

Relativamente ao conhecimento de empreendedores, verifica-se que as médias de todos os fatores são superiores nos sujeitos que têm familiares ou conhecidos que são

empreendedores. No entanto, apenas as diferenças de médias do Controlo Comportamental Percebido e da Norma Subjetiva são estatisticamente significativas. Os estudos analisados (Krueger, 1993; Krueger & Carsrud, 1993, Tkachev & Kolvereid, 1999; Carr & Sequeira, 2007; Karimi et al., 2013), verificam que a influência do conhecimento de empreendedores, i.e., conhecimento prévio de algum empreendedor ou um *role model* ligado ao Empreendedorismo, nas Intenções Empreendedoras ocorre através dos antecedentes presentes na TCP de Azjen (1991). Relativamente ao presente estudo, estas afirmações verificam-se apenas para os fatores do Controlo Comportamental Percebido e da Norma Subjetiva. Este acontecimento pode dever-se ao facto de que aqueles que conhecem empreendedores que tenham sucesso, percecionam que seria fácil proceder a um comportamento empreendedor, tal como alegam Tkachev e Kolvereid (1999), uma vez que percecionam que o facto de que ver ou conhecer alguém que teve sucesso enquanto empreendedor, leva a que um indivíduo tenha maior probabilidade em perseguir o mesmo caminho e que as pessoas em redor percecionem a atividade empreendedora como sendo favorável.

### **2.3. Prática desportiva**

Relativamente à prática desportiva, o presente estudo permitiu verificar que os indivíduos que praticam/praticaram desporto apresentam médias superiores em todos os fatores, à exceção das Normas Subjetivas. Esta diferença, de acordo com os dados, é estatisticamente significativa nos restantes fatores, mas não neste último.

Apesar de não existir literatura acerca desta temática em concreto, pensou-se que seria benéfico pesquisar que competências são desenvolvidas através da prática de desporto, podendo-se comparar as mesmas a algumas que já foram identificadas como potenciadoras das Intenções Empreendedoras.

Sendo assim, é possível aferir que a prática desportiva permite um maior rendimento a nível académico e maior assertividade mas, sobretudo, permite o desenvolvimento e/ou aumento da confiança, do *locus* de controlo, do autocontrolo (Taylor, Sallis & Needle, 1985), como também reduzem a ansiedade e aumentam a autoestima e autoconfiança do indivíduo, proporcionando controlo de *stress*, perseverança, comportamentos assertivos de tomada de risco e de tolerância à frustração (Everly & Rosenfeld, 1981; Smith & Smoll, 1991). Como mencionado no capítulo I, estes são alguns dos fatores que estão associados às Intenções Empreendedoras, deste modo, é expectável que a prática desportiva esteja associada, embora indiretamente, com as Intenções Empreendedoras dos indivíduos, algo que se pode verificar nos resultados obtidos no estudo.



## **2.4. Experiência profissional**

Ao nível da experiência profissional, os resultados obtidos no presente estudo mostram que os alunos que têm experiência profissional apresentam médias superiores em todos os fatores, sendo esta diferença, de acordo com os dados, estatisticamente significativa em todos os fatores, exceto no fator Normas Subjetivas, o que poderá indicar que os indivíduos possuem um maior *locus* de controlo (Ajzen, 1991).

Estes resultados vão ao encontro do estudo de Matthews e Moser (1995) que verificaram que a experiência profissional é um fator que influencia as Intenções Empreendedoras, contudo o mesmo não foi verificado no estudo de Naia (2014), uma vez que foi verificado que não existia variância da estrutura fatorial do modelo da TCP em função da experiência profissional.

Pode-se relacionar estes resultados com diversos fatores como, por exemplo, o nível de satisfação profissional, uma vez que é indicado na literatura que este fator influencia as Intenções Empreendedoras dos indivíduos (Brockhaus, 1980; Eisenhauer, 1995; Watson, Hogarth-Scott & Wilson, 1998), visto que a insatisfação profissional pode levar um indivíduo a querer iniciar uma atividade que o satisfaça melhor profissionalmente ou pode levar a que tente inovar no seu local de trabalho de modo a tornar o trabalho desenvolvido mais satisfatório para si. A satisfação profissional também pode influenciar o indivíduo a querer inovar no seu local de trabalho, de modo a torná-lo cada vez melhor.

## **2.5. Pertença a uma Associação de Estudantes**

A análise comparativa entre estudantes que já participaram ou não em Associação de Estudantes permitiu observar que os alunos que já participaram apresentam médias superiores nos fatores Controlo Comportamental Percebido e Competências Específicas, enquanto que os que nunca participaram apresentam médias superiores nos fatores Atitudes Percebidas e Normas Subjetivas. Contudo, os valores das médias das Intenções Empreendedoras, apresentam-se iguais em ambos os grupos e verifica-se que as médias de todos os fatores não apresentam diferenças estatisticamente significativas.

Este facto poderá dever-se a uma diversidade de fatores, principalmente pelas competências que poderão ter adquirido aqueles que estiveram ativos na participação na Associação de Estudantes.

A pertença a uma AE ou organização social permite desenvolver competências de liderança e competências interpessoais (Astin, 1993) e a expansão da rede de conhecimentos e contactos de um indivíduo que nela esteja integrado (Naphiet & Ghoshal, 1998), uma vez que numa associação se está a lidar com diversos membros e pontos de

vista, bem como com contactos parceiros da Associação de Estudantes, como patrocínios, parceiros de organização de eventos, entre outros.

Esta expansão da rede de contactos pode estar também interligada com a possibilidade de identificar oportunidades e recursos, um outro fator ligado às Intenções Empreendedoras (Morris & Lewis, 1995) e ainda com a propensão de estes alunos apresentarem um maior Controlo Comportamental Percebido, uma vez que já foi mencionado na literatura que as redes de contacto influenciam as Intenções Empreendedoras (Brockhaus & Horwitz, 1986; Scott & Twomey, 1988).

Ainda, a pertença a uma organização pode incentivar um indivíduo a assumir uma postura de proatividade, seja através da inovação de eventos ou até mesmo da criação de novas medidas para melhorar a organização. A proatividade está interligada com iniciativa pessoal, estando relacionada de forma positiva com autoconfiança e necessidade de realização (Claes, Beheydt & Lemmens, 2005), o que pode ser explicativo de um comportamento mais empreendedor tendo em conta que estas últimas características são reportadas como sendo influentes nas Intenções Empreendedoras (Robinson et al., 1991; Koh, 1995; Pillis & Reardon, 2007).

Contudo, uma vez que as diferenças de médias não são estatisticamente significativas, verifica-se, neste estudo, que a pertença a uma AE não parece estar associada com as Intenções Empreendedoras dos estudantes. Este facto pode estar relacionado com o facto de existir uma discrepância entre a amostra, na medida em que os alunos que não pertenceram a uma AE são quase o dobro daqueles que pertencem ou pertenceram (N=84 vs. N=46).

## **2.6. Ciclos de ensino**

Relativamente aos ciclos de ensino, foi verificado que alunos de Mestrado apresentam médias inferiores aos alunos de Licenciatura em todos os fatores, exceto nas Competências Específicas. Contudo, as diferenças de médias não são estatisticamente significativas.

Apesar da maioria dos estudos analisados terem sido conduzidos em diversas universidades (e.g. Basu & Virick, 2008; Hyder, Azhar, Javaid & Rehman, 2011; Afonso, 2014; Maes, Leroy & Sels, 2014; Robledo, Arán, Martin-Sanchez & Molina, 2015; Rokhman & Ahamed, 2015), não foram encontrados estudos que pretendessem analisar as diferenças e influências nas Intenções Empreendedoras em diferentes ciclos de ensino, exceto o estudo de Crant (1996) que concluiu que os estudantes de Mestrado em Administração de Negócios reportavam uma maior propensão para um comportamento empreendedor do que os da Licenciatura em Administração de Negócios.

Independentemente desse facto, pensou-se que seria interessante analisar como seriam as médias dos antecedentes das Intenções Empreendedoras nos estudantes dos diferentes ciclos.

Porém, o facto da NS e do CCP apresentarem médias superiores nos alunos de Licenciatura pode remeter para o facto de que os alunos de Mestrado percecionam a realização de um comportamento de âmbito empreendedor algo de difícil execução, o que pode estar relacionado com uma maior probabilidade de estes alunos já terem tido experiências profissionais que pudessem ter influenciado a sua visão relativa ao Empreendedorismo ou de terem um maior conhecimento sobre o mercado de trabalho e das etapas de construção de uma empresa ou de inovação num local de trabalho, podendo este facto ser um fator impeditivo para adotarem um comportamento empreendedor. Ainda, o facto de os alunos de Mestrado já terem frequentado mais do que uma unidade curricular que aborde o Empreendedorismo, poderá ter moldado as suas perceções e atitudes relativas a uma Intenção Empreendedora e a sua percepção de risco pode estar moldada pela sociedade e contextos em que se encontram.

Assim, verifica-se, com base na amostra utilizada, não existem diferenças significativas entre os alunos de Licenciatura e de Mestrado no que concerne os antecedentes das Intenções Empreendedoras. Esta conclusão contraria os resultados obtidos no estudo de Crant (1996), uma vez que o autor alega que existem diferenças entre os alunos de Mestrado e Licenciatura, sendo que os primeiros apresentam uma maior associação com as Intenções Empreendedoras. Esta situação pode dever-se ao facto de as amostras de Licenciatura (1.º ciclo) e de Mestrado (2.º ciclo) serem muito discrepantes (i.e. 80% da amostra é de Licenciatura, sendo os restantes 20% alunos de Mestrado), não permitindo alcançar conclusões sólidas e passíveis de generalização.



## **CAPÍTULO V**

### **CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS**

## **Conclusões e Considerações Finais**

### **1. Conclusões**

A realização deste estudo permitiu responder aos objetivos propostos para a realização deste trabalho, i.e., quais os antecedentes mais significativos das Intenções Empreendedoras e quais as diferenças dos níveis de Atitude Percebida, das Normas Subjetivas, do Controlo Comportamental Percebido, das Competências Específicas e das Intenções Empreendedoras em função do género, do ciclo de ensino, da experiência profissional, do conhecimento de empreendedores, da prática desportiva e da pertença a uma Associação de Estudantes dos estudantes de Reabilitação Psicomotora, de 1.º e 2.º ciclos, da Faculdade de Motricidade Humana.

De acordo com a literatura, e tendo em conta o modelo da Teoria do Comportamento Planeado de Ajzen (1991), a Atitude Percebida, o Controlo Comportamental Percebido e a Norma Subjetiva são antecedentes de uma intenção e consequente comportamento, neste caso, empreendedor.

Neste estudo constata-se que a Atitude Percebida e o Controlo Comportamental Percebido são os fatores que influenciam de forma significativa as Intenções Empreendedoras, sendo que a Norma Subjetiva e as Competências Específicas, apesar de explicarem as IE, não o fazem de forma estatisticamente significativa. Os resultados do estudo permitiram constatar que existem maiores IE nos alunos que praticam/praticaram desporto, nos que têm experiência profissional e nos que conhecem, pelo menos, um indivíduo empreendedor, sendo que estas variáveis apresentam diferenças significativas nas médias dos fatores CCP e NS (conhecimento de empreendedores) e AP, CCP, IE e CE (prática desportiva e experiência profissional). No que concerne ao género, pertença a uma AE e aos ciclos de ensino, o mesmo não acontece, uma vez que não se verificaram diferenças estatisticamente significativas nas médias dos fatores.

Abriu-se ainda caminho para um aprofundamento da investigação relativa à forma como as Intenções Empreendedoras podem ser influenciadas por diversos fatores já analisados na literatura, mas também por fatores ainda não analisados como a prática desportiva, o ciclo de ensino e ainda a pertença a uma Associação de Estudantes. Neste ponto, foi possível verificar que os antecedentes, embora nem sempre de forma significativa, apresentam valores médios mais elevados nos estudantes que praticam desporto, nos que pertencem ou pertenceram a uma Associação de Estudantes e nos que frequentam a Licenciatura.

Os dados recolhidos a partir deste estudo foram importantes na medida em que foi possível verificar que existe possibilidade de as Intenções Empreendedoras estarem

associadas a fatores ainda pouco, ou nalguns casos nada, explorados. Deste modo, o estudo permitiu retirar algumas informações relativas à influência desses fatores, nomeadamente a influência do género, conhecimento de empreendedores, da prática desportiva, da experiência profissional, do ciclo de ensino, e da pertença a uma Associação de Estudantes.

Ainda, tendo em conta que o reconhecimento das Intenções Empreendedoras dos estudantes permite perceber quais os que têm maior propensão para abrir novos negócios ou para inovar em organizações já estabelecidas, através da análise dos antecedentes presentes na TCP (Ajzen, 1991), percebendo de que forma e através de que fatores estes podem ser influenciados, surge a possibilidade de um reconhecimento de oportunidades para potenciar as mesmas.

No âmbito da Reabilitação Psicomotora, a ocorrência desta cadeia de eventos traduz-se numa maior probabilidade de desenvolvimento de negócios no âmbito da profissão, podendo contribuir para o reconhecimento e expansão da mesma, tal como menciona Marques (2014).

O presente estudo corroborou, uma vez mais, a Teoria do Comportamento Planeado na interpretação e explicação das Intenções Empreendedoras de um grupo não analisado previamente: alunos de Reabilitação Psicomotora; oferecendo ainda uma base de suporte para futuras investigações no âmbito das Intenções Empreendedoras destes estudantes e abrindo caminho para a investigação de novos fatores influenciadores neste âmbito. O estudo enquadra também uma base de suporte teórico para futuros estudos que pretendam incluir o fator Competências Específicas nos modelos de análise das IE. Ainda, e tendo em conta que existia uma lacuna na literatura, este estudo permitiu obter mais informação sobre outros fatores sociodemográficos que pudessem estar associados às Intenções Empreendedoras.

De um ponto de vista prático, a identificação de antecedentes que influenciam as Intenções Empreendedoras e dos diferentes fatores sociodemográficos que podem estar associados com a potencialização das mesmas, permite aos docentes ou responsáveis institucionais, maximizar alguns desses aspetos de forma a aumentar as Intenções Empreendedoras dos alunos e consequentes comportamentos empreendedores.

## **2. Limitações do presente estudo**

Embora alguns resultados encontrados neste estudo vão ao encontro do que tem sido abordado na literatura dos últimos anos, é necessário ter em conta as limitações da presente investigação.

Primeiramente, a recolha usando diferentes métodos é uma potencial limitação do estudo, uma vez que o preenchimento poderá ser influenciado pela presença ou ausência do autor do estudo, seja por falta de esclarecimento de possíveis dúvidas ou devido a alguma pressão que a presença do autor do estudo possa ter causado aos participantes.

Uma outra limitação prende-se com o facto de que foi verificado, posteriormente à sua aplicação, que o questionário era demasiado extenso e, tendo em conta as variáveis finais utilizadas no estudo, o questionário poderia ter sido diminuído, eliminando questões que acabaram por não ser pertinentes. No entanto, também o facto da amostra não ser muito abrangente, levou a que existissem variáveis que não apresentavam número suficiente para retirar ilações representativas da população.

Ainda no âmbito da amostra recolhida, é importante referir a sua dimensão. Devido à especificidade do tipo de amostra pretendida para este estudo (estudantes de 1.º e 2.º ciclo da Licenciatura em Reabilitação Psicomotora da Faculdade de Motricidade Humana), foi difícil recolher respostas junto deste tipo de participantes, principalmente ao nível dos alunos de 2.º ciclo, uma vez que, no caso do 1.º ano, nem todos compareciam às aulas em que houve oportunidade de entregar questionários, sendo que ao nível dos alunos de 2.º ano, uma vez que não tinham aulas, poucos foram os que responderam ao questionário via *e-mail*. Deste modo, como foi acima mencionado, a amostra reduzida impossibilitou que as inferências e conclusões retiradas quando comparados os ciclos de ensino, o género e a pertença a uma AE fossem generalizadas para a população estudantil, uma vez que a amostra em cada variável não era suficiente para retirar ilações gerais sobre as influências que têm nas IE.

### **3. Recomendações e sugestões de pesquisa futura**

No entanto, de maneira a colmatar as limitações encontradas neste estudo é importante referir algumas sugestões para futuras investigações nesta temática. Em primeiro lugar seria importante replicar o estudo numa amostra de maior dimensão, mais representativa, já que a amostra em estudo era relativamente pequena. Seria também interessante alargar a aplicação do questionário a estudantes de ambos os ciclos de Reabilitação Psicomotora que estudam nas restantes Universidades que lecionam o curso, podendo verificar também se a formação universitária e o acesso a diferentes formações devido a localizações geográficas poderão estar associados com as Intenções Empreendedoras dos estudantes. Porém, o questionário deveria ser reavaliado previamente, retirando-se perguntas que podem não ser tão pertinentes como se pensava inicialmente. Seria também interessante



realizar estudos de *follow up* de modo a verificar se os fatores que influenciam as Intenções Empreendedoras variam ao longo do tempo e, em especial, após a saída da faculdade.

Uma outra sugestão prende-se com a realização de uma comparação entre questionários preenchidos em papel e questionários realizados *online*, verificando-se se existem diferenças tendo em função do procedimento de recolha de dados utilizado.

No que diz respeito à investigação dos fatores que influenciam as Intenções Empreendedoras nos alunos de ensino superior em Portugal, esta carece de evidências empíricas. Pouca é a investigação científica nesta temática no país, não existindo literatura nem estudos suficientes para concluir quais os fatores que influenciam e de que modo o fazem. Assim, pesquisas futuras poderiam abordar de forma mais aprofundada as questões da influência dos ciclos de ensino, das organizações e Associações de Estudantes e da prática desportiva nos antecedentes das Intenções Empreendedoras.



## **BIBLIOGRAFIA**

## Bibliografia

- Afonso, J. (2014). *Intenção empreendedora dos estudantes da Universidade da Beira Interior*. Tese de Mestrado. Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal.
- Ahmed, I., Nawaz, M. M., Ahmad, Z., Shaykat, M. Z., Usman, A., Wasim-ul-Rehman & Ahmed, N. (2010). Determinants of Students' Entrepreneurial Career Intentions: Evidence from Business Graduates. *European Journal of Social Sciences* 15(2), 14-22.
- Ajzen, I. (1987). Attitudes, traits, and actions: Dispositional prediction of behavior in social psychology. *Advances in Experimental Social Psychology*, 20, 1–63
- Ajzen, I. (1991). The Theory of Planned Behaviour. *Organizational Behaviour and Human Decision Processes*, 50(2), 179-211.
- Amos, A. & Alex, K. (2014). Theory of Planned Behaviour, Contextual Elements, Demographic Factors and Entrepreneurial Intentions of Students in Kenya. *European Journal of Business and Management*, 6(15), 167-176
- Armitage, C.J. & Conner, M. (2001). Efficacy of the Theory of Planned Behaviour: a Meta-analytic Review. *British Journal of Social Psychology*, 40, 471–499
- Associação Portuguesa de Psicomotricidade (s.d.). Psicomotricidade. Retirado de <http://www.appsicomotricidade.pt/>
- Astin, A. W. (1993). *What matters in college? Four critical years revisited*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Autio, E., Keeley, R. H., Klofsten, M. & Ulfstedt, T. (1997). Entrepreneurial intent among students: testing an intent model in Asia, Scandinavia and USA. *Frontiers of Entrepreneurship Research*, 17.
- Bandura, A. (1986). *The Social Foundations of Thought and Action*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Baron, R. A., & Shane, S. A. (2008). *Entrepreneurship: A Process Perspective* (2<sup>nd</sup> ed.). Mason: Thomson Higher Education.
- Basow, S. & Howe, K. (1980). Role model influence: Effects of sex and sex-role attitude in college students. *Psychology of Women Quarterly*, 4, 558-572
- Basu, A. & Virick M. (2008). "Assessing Entrepreneurial Intentions Amongst Students: A Comparative Study". *National Collegiate Inventors & Innovators Alliance*. Dallas, Texas.
- Bird, B. (1989). *Entrepreneurial behavior*. Glenview, IL: Scott Foresman
- Brockhaus, R.H. & Horwitz, P.S. (1986) *The Psychology of the Entrepreneur*. In D. Sexton & R. Smilor (Eds.), *The art and science of entrepreneurship*, 25–48. Cambridge, MA: Ballinger

- Brockhaus, R.H. (1980). Risk Taking Propensity of Entrepreneurs. *Academy of Management Journal*, 23(3), 509- 520.
- Bucha, A. I. (2009). Empreendedorismo: Aprender a saber ser empreendedor. Lisboa: Editora RH.
- Bygrave, W. D. (1989). "The entrepreneurship paradigm (I): a philosophical look at its research methodologies", *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 14, 7-26
- Caetano A., Santos, S. C. & Costa, S. F. (2012). *Psicologia do Empreendedorismo: Processos, Oportunidades e Competências*. Lisboa: Editora Mundos Sociais.
- Carr, J.C. & Sequeira, J.M. (2007). Prior family business exposure as intergenerational influence and entrepreneurial intent: A theory of Planned Behavior approach, *Journal of Business Research*, 60, 1090-1098.
- Claes, R., Beheydt, C. & Lemmens, B. (2005). Unidimensionality of abbreviated proactive personality scales across cultures. *Applied Psychology: An International Journal*, 54, 476–489
- Comissão das Comunidades Europeias (2006). *Aplicar o Programa Comunitário de Lisboa: Promover o espírito empreendedor através do ensino e da aprendizagem*. Retirado de <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2006:0033:FIN:PT:PDF>
- Crant, J. M. (1996). The Proactive Personality Scale as a predictor of entrepreneurial intentions. *Journal of Small Business Management*, 34(3), 42-49.
- Cruz, J., Machado, P. & Mota, M. (1996). Efeitos e benefícios psicológicos do exercício e da actividade física. In J. F. Cruz (Ed.) *Manual de Psicologia do Desporto* (91-116). Braga: Sistemas Humanos e Organizacionais.
- Davidsson, P. (1989). *Continued Entrepreneurship and Small Firm Growth*. Stockholm School of Economics, Stockholm, Sweden.
- Delmar, F. & Davidsson, P. (2000). Where do they come from? Prevalence and characteristics of nascent entrepreneurs. *Entrepreneurship and Regional Development*, 12, 1-23.
- Díaz-García, M. C. & Jiménez-Moreno, J. (2010). Entrepreneurial intention: The role of gender. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 6(3), 261-283
- Dornelas, J. C. A. (2008) *Empreendedorismo: transformando ideias em negócios*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Drennan, Jr., Kennedy, J & Renfrow, P. (2005). Impact of childhood experiences on the development of entrepreneurial intentions. *Entrepreneurship and Innovation*, 231-238.
- Drucker, P. (1985). *Innovation and entrepreneurship: Practice and principles*. New York: Harper and Row.

- Drucker, P. (2003). *Inovação e Espírito Empreendedor: Prática e Princípios*. São Paulo: Pioneira Thomson
- Drucker, P. (2006). *Innovation and Entrepreneurship*. New York: HarperCollins
- Eisenhauer, J.G. (1995). The entrepreneurial decision: economic theory and empirical evidence. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 19(4), 67–80.
- European Forum of Psychomotricity. (s.d.). Statutes: Preamble. Retirado de <http://psychomot.org/efp/statutes/>
- Everly Jr., G. S. & Rosenfeld, R. (1981). *The Nature and Treatment of the Stress Response: A Practical Guide for Clinicians*. Springer Link.
- Fayolle, A. (2005). Evaluation of Entrepreneurship Education: Behaviour Performing or Intention Increasing?, *Entrepreneurship and Small Business*, 2(1), 89–98
- Fayolle, A., Gally, B. & Lassas-Clerc, N. (2006), Assessing the Impact of Entrepreneurship Education Programmes: a New Methodology, *Journal of European Industrial Training*, 30(9), 701-720
- Fini R., Grimaldi R., Marzocchi G.L., & Sobrero M., (2009). The foundation of entrepreneurial intention, *Academy of management Meeting*.
- Florin, J.; Karri, R. & Rossiter, N. (2007). Fostering Entrepreneurial Drive in Business Education: an Attitudinal Approach, *Journal of Management Education*. 31(1), 17-42.
- Fonseca, V. (2004). Psicomotricidade: uma abordagem multidisciplinar. *A Psicomotricidade*, 3, 18-31.
- Fox, J. (1991). Regression diagnostics. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Fox, J., Llopis, F., Toney, B. Pruett, M. & Shinnar, R. (2009). Explaining entrepreneurial intentions of university students: a cross-cultural study. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour*, 15 (6), 571-594.
- Franke, N. & Lüthje, C. (2004), Entrepreneurial intentions of business students: a benchmark study. *International Journal of Innovation and Technology Management*, 1(3), 269- 288.
- Gerry, C., Marques, C. S. & Noguera, F. (2008). Tracking student entrepreneurial potential: personal attributes and the propensity for business start-ups after graduation in a Portuguese university. *Problems and Perspectives in Management*, 6 (4), 45-51.
- Gibson, D. E. (2004). Role models in career development: New directions for theory and research. *Journal of Vocational Behavior*, 65, 134-156.
- Guerrero, M., Rialp J. & Urbano, D. (2008). The impact of desirability and feasibility on entrepreneurial intentions: A Structural Equation Model, *International Entrepreneurship Management Journal*, 4(1), 35-50.

- Hobbs, N., Dixon, D., Johnston, M. & Howie, K. (2013). Can the theory of planned behaviour predict the physical activity behaviour of individuals?. *Psychology & Health*, 28(3), 234-249.
- Holland, J. L. (1983) Making vocational choices: a theory of careers. In Osipow, S. H. (Ed.), *Theories of Career Development* (Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall).
- Hyder, A., Azhar, A., Javid, A., Rehman, M. (2011)., Entrepreneurial Intentions Among Business Students in Pakistan. *Journal of Business Systems, Governance and Ethics*, 5(2), 13-21.
- Izedomni, P.F. & Okafor, C. (2010). The Effect of Entrepreneurship Education On Students' Entrepreneurial Intentions. *Global Journal of Management and Business Research*, 10(1), 49-56.
- Jesus, S. N. (1993). Interesses, prática desportiva e projecto vocacional dos jovens. Um estudo exploratório. *Actas do VIII Congresso Mundial de Psicologia do Desporto: Uma perspectiva integrada*. 792-795. Lisboa. Comissão Organizadora do Congresso.
- Karimi, S., Biemans, H. J. A., Lans, T., Chizari, M., Mulder, M. & Mahdei, K. N. (2013). Understanding role models and gender influences on entrepreneurial intentions among college students. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 93, 204 – 214.
- Kim, M. & Hunter, J. (1993). Relationships among attitudes, intentions and behavior. *Communication Research*, 20, 331–364.
- Kline, P. (1999). *The handbook of psychological testing* (2nd ed.). London: Routledge
- Koh, H. C. (1995). Factors associated with entrepreneurial inclination: An empirical study of business undergraduates in Hong Kong. *Journal of Small Business Entrepreneurship*, 12(2), 29–4.
- Kolvereid, L. (1997) Prediction of employment status choice intentions. *Entrepreneurship Theory & Practice*, 21, 47–57.
- Kourilsky, M. & Walstad, W. (1998). Entrepreneurship and female youth: knowledge, attitudes, gender differences and educational practices. *Journal of Business Venturing*. 13(1), 77-88.
- Kristiansen, S. & Indarti, N. (2004). Entrepreneurial intention among Indonesian and Norwegian students. *Journal of Enterprising Culture*, 12(1), 55–78.
- Krueger, N. F. (1993). The impact of prior entrepreneurial exposure on perceptions of new venture feasibility and desirability. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 18(2), 5-21.
- Krueger, N. F. (2008). Entrepreneurial Resilience: real & perceived barriers to implementing entrepreneurial intentions.

- Krueger, N. F. & Brazeal, D. (1994), "Entrepreneurial Potential and Potential Entrepreneurs", *Entrepreneurship Theory and Practice*, 18 (3), 91–104.
- Krueger, N. F., Reilly, M.D. & Carsrud, A.L. (2000). Competing Models of Entrepreneurial Intentions. *Journal of Business Venturing*, 15(5-6). 411-432.
- Krueger, N. F. & Carsrud, A. (1993). "Entrepreneurial intentions: applying the theory of planned behavior". *Entrepreneurship and Regional Development*, 5, 315-330.
- Küttim, M., Kallaste, M. & Venesaar, U., Kiis, A. (2014). Entrepreneurship Education at University Level and Students' Entrepreneurial Intentions. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 110, 658 – 668.
- Lanero, A., Vázquez, J. L., Gutiérrez, P. & García, M. P. (2011). The impact of entrepreneurship education in European universities: an intention-based approach analyzed in the Spanish area. *International Review of Public Nonprofit Marketing*, 8, 111-130.
- Lee, L., Wong, P., Foo, M. & Leung, A. (2011). Entrepreneurial intentions: The influence of organizational and individual factors. *Journal of Business Venturing*. 26(1), 124-136.
- Li, W. (2006). "Entrepreneurial intention among international students: testing a model of entrepreneurial intention", *USASBE Small Business Advancent National Center*, Arkansas: University of Central Arkansas.
- Liñán, F. & Chen, Y. W. (2009). Development and Cross Cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(3), 593-617.
- Liñán, F. (2005). "Development and validation of an Entrepreneurial Intention questionnaire (EIQ)", *IntEnt2005 Conference*, Guildford (United Kingdom), 10-13 julho.
- Liñán, F. (2008). Skill and value perceptions: how do they affect entrepreneurial intentions?. *International Entrepreneurship Management Journal*, 4, 257-272
- Liñán, F., Rodríguez-Cohard, J. & Rueda-Cantuche, J. (2011). Factors affecting entrepreneurial intention levels: A role for education. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 7(2), 195–218.
- Lüthje, C. & Franke, N. (2003). The 'making' of an entrepreneur: testing a model of entrepreneurial intent among engineering students at MIT. *R&D Management*, 33(2), 135-147.
- Maes, J., Leroy, H. & Sels, L. (2014). Gender differences in entrepreneurial intentions: A TPB multi-group analysis at factor and indicator level. *European Management Journal*. 32, 784-794.



- Marôco, J. (2010). *Análise Estatística com o PASW Statistics (ex-SPSS) [Statistical Analysis with PASW Statistics (former-SPSS)]*. Pêro Pinheiro: Report Number.
- Marques, J. (2014). *Competências empreendedoras em alunos da licenciatura em Reabilitação Psicomotora da Faculdade de Motricidade Humana*. (Tese de Mestrado não publicada). Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Martins, R. (2001). Questões sobre a Identidade da Psicomotricidade - As Práticas entre o Instrumental e o Relacional. In V. d. Fonseca, e R. Martins (Eds.), *Progressos em Psicomotricidade* (pp. 29-40). Cruz Quebrada: FMH Edições.
- Matthews, C.H. & Moser, S.B. (1995). Family background and gender: Implications for interest in small firm ownership. *Entrepreneurship and Regional Development*, 7(4): 365-377.
- Morris, M. H. & Lewis, P.S. (1995) The determinants of entrepreneurial activity: the implication of marketing. *European Journal of Marketing*, 29, 31–48.
- Mota, J. (2001). A escola, a promoção da saúde e a condição física. Que relações. *Revista Horizonte*, 12(98), 33-36.
- Naffziger, D.W., Hornsby, J.S. & Kuratko, D.F. (1994). A proposed research model of entrepreneurial motivation. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 18 (3), 29-42.
- Naia, A. (2014). *Entrepreneurship Education in Sport Sciences: A new curricula for new demands?* Germany: LAP Lambert Academic Publishing. ISBN: 978-3-659-52321-2.
- Naphiet, J., and S. Ghoshal. (1998). Social capital, intellectual capital and the organizational advantage. *Academy of Management Review* 22(2), 242–66.
- Nauta, M. M. & Kokaly, M. L. (2001). Assessing role model influence on students' academic and vocational decisions. *Journal of Career Assessment*, 9, 81-99.
- Pascarella, E. T. & Terenzini, P. T. (1991). *How college affects students*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Phan H.P., Wong, P.K. & Wang, C.K., (2002. Antecedents to Entrepreneurship among University Students in Singapore: Beliefs, Attitudes and Background. *Journal of Enterprising Culture*, 10 (2), 151-174.
- Pillis, E. & Reardon, K.K. (2007). The influence of personality traits and persuasive messages on entrepreneurial intention. *Career Development International*, 12 (4), 382-396.
- Pinho, L. F. & Gaspar, F. C. (2012). Intenção empreendedora dos estudantes no ensino superior politécnico em Portugal. *Jornadas Luso-Espanholas de Gestão Científica*, 22, Vila Real

- Pittaway, L. & Cope, J. (2007) Entrepreneurship Education: A Systematic Review of the Evidence, *International Small Business Journal*, 25 (5): 479–510.
- Reitan, B. (1996) Entrepreneurial intentions: a combined models approach. *9th Nordic Small Business Research Conference*, Lillehammer, Norway, 29–31 May.
- Remeikiene, R. & Startiene, G. (2009). Does the interaction between entrepreneurship and employment exist?. *Economics and Management*, 14, 903-911.
- Reynolds, P. D., Carter, N. M., Gartner, W. B., Greene, P. G. & Cox, L. W. (2002). *The Entrepreneur Next Door. Characteristics of Individuals Starting Companies in America*. An Executive Summary of the Panel Study of Entrepreneurial Dynamics. Ewing Marion Kauffman Foundation, Kansas City, Missouri.
- Reynolds, P. D., Hay, M., Bygrave, W.D., Camp, S.M. & Autio, E. (2000). Global Entrepreneurship Monitor 2000.
- Robinson, P.B., Stimpson, D.V., Huefner, J.C. & Hunt, H.K. (1991) An attitude approach to the prediction of entrepreneurship, *Entrepreneurship Theory & Practice*, 17, 13–31.
- Robledo, J. L. R., Arán, M. V., Martin-Sanchez, V. & Molina, M. A. R. (2015). The moderating role of gender on entrepreneurial intentions: A TPB perspective. *Intangible Capital*, 11(1), 92-117.
- Rokhman, W. & Ahamed, F. (2015). The Role of Social and Psychological Factors on Entrepreneurial Intention among Islamic College Students in Indonesia. *Entrepreneurial Business and Economics Review*, 3(1), 29-42.
- Rubio López, E. A., Cordón Pozo, E. & Agote Martín, A. L. (1999). Actitudes hacia la creación de empresas: Un modelo explicativo. *Revista Europea de Dirección y Economía de la Empresa*, 8(3), 37-52.
- Samuel, Y. A., Ernest, K. & Awuah, J. B. (2013). An assessment of entrepreneurship intentions among Sunyani Polytechnic Marketing students. *International Review of Management and Marketing*, 3(1), 37-49..
- Santarelli, E., Carree, M. & Verheul, I. 2009. Unemployment and firm entry and exit: an update on a controversial relationship. *Regional Studies*, 43(8), 1061-1073.
- Sarkar, S. (2007). *Empreendedorismo e Inovação*. Lisboa: Escolar Editora
- Sas-Nowosielski, K. (2006). Application of the theory of planned behaviour in predicting leisure time physical activity of polish adolescents. *Human Movement*, 7, 105–110.
- Scherer, R., Adams, J., Carley, S. & Wiebe, F. (1989). Role model performance effects on development of entrepreneurial career preference. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 13, 53-81.

- Scott, M. F. & Twomey, D. F (1988). The long term supply of entrepreneurs: students career aspirations in relation to entrepreneurship. *Journal of Small Business Management*, 26(4) 5 – 14.
- Shane, S. & Venkataraman, S. 2000. The Promise of Entrepreneurship as a Field of Research, *Academy of Management Review*, 25(1), 217–226.
- Shapero, A. & Sokol, L. (1982). Social dimensions of entrepreneurship. In: Kent, C., Sexton, D., Vesper, C. (Eds.), *The Encyclopedia of Entrepreneurship*. Prentice-Hall, Englewood Cliffs.
- Smith, R. & Smoll, F. (1991). Behavioral research and intervention in youth sports. *Behavior Therapy*, 22, 329-344.
- Sociedade Portuguesa de Inovação (2004). Estudo de Avaliação do Potencial Empreendedor em Portugal em 2004 – Projecto GEM Portugal 2004. Retirado de <http://www2.spi.pt/gem/docs/RelatorioSinteseGEM.pdf>
- Sociedade Portuguesa de Inovação e Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa (2012). *GEM Portugal 2012 – Estudo sobre empreendedorismo*.
- Soetanto, D. P., Pribadi, H. & Widyadana, G. A. (2010). Determinant factors of entrepreneurial intention among university students. *The IUP Journal of Entrepreneurship Development*, VII (1-2), 23-37.
- Sutton, S. (1998). Predicting and Explaining Intentions and Behavior: How Well Are We Doing? *Journal of Applied Social Psychology*, 28(15), 1317–1338.
- Taylor, C. B., Sallis, J. F. & Needle, R. (1985). The relation of physical activity and exercise to mental health. *Public Health Reports*, 100(2), 195-202.
- Thompson, E. R. (2009). Individual entrepreneurial intent: Construct clarification and development of an internationally reliable metric. *Entrepreneurship Theory and Practice*, Maio, 669–694.
- Tkachev, A. & Kolvereid, L. (1999). Self–employment among Russian students. *Entrepreneurship and Regional development*, 11 (3), 269-280.
- Trigo, V. (2003). *Entre o Estado e o Mercado: Empreendedorismo e a Condição do Empresário na China*. Lisboa: Ad Litteram.
- Tubbs, M. E. & Ekeberg, S. E. (1991). The role of intentions in work motivation: Implications for goal-setting theory and research. *Academy of Management Review*, 16, 180–199.
- Türker, D. & Selçuk, S.S. (2009). “Which factors affect entrepreneurial intention of university students?”. *Journal of European Industrial Training*, 33(2), 142-159.
- Varamäki, E., Tornikoski, E., Joensuu, S., Viljamaa, A. & Ristimäki, K. (2011). Entrepreneurial Intentions of higher education students in Finland: A longitudinal study.

Apresentado em World Conference of the International Council of Small Business (ICSB).

- Ventura, R. & Quero, M. J. (2013). Factores explicativos de la intención de emprender en la mujer. Aspectos diferenciales en la población universitaria según la variable género. *Cuadernos de Gestión*. 13(1), 127-149.
- Verheul I., Thruik R. & Grilo, I. (2005). Determinants of self-employment preference and realization of women and men in Europe and the United States. EIM Scales paper N200513, Zoetermeer: EIM Business and policy Research
- Watson, K., Hogarth-Scott, S. & Wilson, N. (1998). Small business start-ups: success factors and support implications. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 4(3), 217–238.
- Zhao, H., Seibert, S. & Hills, G. (2005). The mediating role of self-efficacy in the development of entrepreneurial intentions. *Journal of Applied Psychology*, 90(6), 1265–1272.

## **ANEXOS**

## **Anexos**

Todos os anexos estão guardados em formato digital no CD-ROM.

**Anexo A:** Questionário – Entrepreneurial Intentions Questionnaire (adaptado)

**Anexo B:** Consentimento Informado

**Anexo C:** Base de dados

**Anexo D:** Análise da Consistência Interna dos Fatores

**Anexo E:** Frequências – Características Sociodemográficas dos Participantes

**Anexo F:** Análises de Regressão

**Anexo G:** Testes T – Médias e comparações intravariáveis – género, conhecimento de Empreendedores, prática desportiva, experiência profissional, participação em Associação de Estudantes e ciclos de ensino